

129
ano VI - 197



DEPÓSITO LEGAL
FEV 1946



UM PRÊMIO DE BELEZA
DA GRÃ-BRETANHA

**MUNDO
GRAFICO**

O HÁBITO FICA

por ALFRED DUNNING

TAL como um novo emprêgo, um fato novo ou uma fortuna inesperada, a paz é uma coisa a que uma pessoa tem de se habituar. Isto é o que a Grã-Bretanha agora está a fazer, com velocidade. O povo está a entrar em acção na paz com a mesma energia com que o fêz na guerra, e se ainda aparecem vestígios das reacções desse tempo é apenas por assim dizer nos intervalos, quando se descansa entre dois turnos da tarefa da reconstrução.

Cinco anos e meio de verdadeira fúria no campo de batalha são suficientes para firmar hábitos de pensamento, palavras e acções (especialmente acções) que não podem desaparecer inteiramente de um dia para o outro. Quantos em Inglaterra nos achamos agindo, em momentos desprevenidos, como se a guerra ainda não estivesse ganha!

Há a rádio, por exemplo, que se ouve à noite, depois do jantar. De repente pára — uma paragem brusca no meio de um lindo trecho musical, dando lugar a uma monotonia que sublinha o silêncio.

O coração pára

O nosso coração pára de bater com a interrupção do programa pois tal interrupção, embora seja devida simplesmente a um «desarranjo técnico» num receptor há muito descuidado — ou mais raramente a alguma ley

(Continua na página 28)



Destroços de uma sala de dança, onde caíu uma bomba



Londres recebeu a guerra química. Até as crianças usavam máscara



Ruínas gloriosas. No fundo intacta, a torre de Big-Ben, que bem se pode dizer ser o coração da Inglaterra



As primeiras mulheres dos serviços auxiliares do exército frenético, que foram desmobilizadas

A PRINCESA DAS ONDAS

de EUGÉNIO VIEIRA

QUASI súbitamente, adoeceu, ela, que fora até ali, tão forte, e tinha feito orgulho dos pais, que a todos a tinham apontado como exemplo de saúde.

As faces, que dantes eram de uma viva cor de rosa, resumando frescura, cavavam-se, emaciadas e pálidas; os olhos, outrora vivos e como a despedir centelhas, eram agora turvos, e erlados de sombras escuras, como a darem a evocação do abismo que a doença ia abrindo pouco a pouco a seus pés... O corpo, outrora esbelto, curvava-se, quebrantado, dando a ideia de arbusto emurchecido assoutado pelas rajadas do vendaval, se a tosse a sacudia. O emagrecimento aumentava dia a dia e os cabelos eram como emurchecidos, crestados pela febre.

Hora a hora, ela exclamava: — Mãe, minha mãe, já não sou a tua Daniela, não sou nada! Não tardará que seja um espectro, uma sombra!...

A obsessão da morte torturava-a a cada instante. E, apesar de tudo tinha um grande apêgo à vida. Tinha a ansia de viver muito, oh! sim, de viver sempre!... E, quanto mais despedaçado sentia o peito, mais aquela ansia de existir era enorme, como se fosse já uma aspiração da sua alma, a ligar-se, a fundir-se na eternidade.

A tísica tem aquele capricho singular: quanto mais perto do túmulo mais apêgo à vida. É um aspecto bem desolador: ser espectro e julgar-se anjo!... Irrisão do Destino! Em tais seres debate-se e ser ou não ser de que falava Hamlet, transformado em realidade. A vida nelas é verdade e paradoxo, simultaneamente: é o balçoar da vida num cair de lux que brilha dentro de uma nuvem negra de mistério.

Pobre Daniela! Pobre flor humana vergando no hastil queimado por um estio abraçador!...

Vivera, desde anos, naquela terra à beira mar e tinha duas paixões; uma grande, e das vagas, outra pueril, e das conchinhas da praia.

Desde a infância, passeando à beira das ondas, enquanto a alva e fina espuma vinha beijá-la nos pés, apanhava-as e colecionava-as, por aspectos de formas e de cores, por assim dizer por famílias, e, num belo cofre, de ébano, dividido em cassiões, conservava-as, passando às vezes horas a olhá-las, como absorvida no mistério das formas e na gama das cores...

E discretava sobre elas, dizendo: — Vê-se, bem, mãe, que são filhas do mar, do sol, da lua e das estrelas!...

E fantasiava, ao fazer os seus reflexos de pérola, de esmeralda, de púrpura e de opala:

— Como seria bela uma princesa encantada das ondas que se vestisse de brilhos tão esquisitos e suaves!... E sonhava, sonhava, como pode sonhar uma ingénua alma toda virgindade, nos seus quinze anos.

E muitas vezes pensava: «Se algum dia ela pudesse ver tão linda

princesa! Era como um sonho que fosse a retrospectivação do seu ser! No mais âmago do seu espírito ela própria sonhava ser a princesa que sonhava...

Mas, agora, doente, a febre aumentava, e, se umas vezes lhe trazia à mente as mais deliciosas visões, os mais fantásticos sonhos, em outras tudo via toldado de negro, como se a própria luz do sol se entenebrecesse a seus olhos...

— Mãe, mãe! Onde está o teu rosto? Não te veja como eras! Tu és preta! Já não és a minha mãe! — exclamava, quase chorando. E de repente alegrava-se, e sorria:

— Ah! Até que enfim! Já te vejo! Voltaste!... Agora sim!... É o teu rosto. Já tenho outra vez mãe!

Eram os centros vitais a desorientar-se... a vida que ora fugia ora voltava numa alternativa de luta e de tendência para o repouso eterno. Seria o estado de que falava o poeta moribundo, já agonizante, quando dizia: «É o combate do dia e da noite!» Provável é que o fosse.

Certa manhã, Daniela, pediu que lhe trouxessem o seu cofre de conchinhas, e, sentada, entre arrepios de febre e olhares saudosos, deu em contemplá-las.

Como costumava de antes, pôs-se a discretar sobre elas, e escolhendo uma:

— Esta, mãe, foi de corte nascida enquanto o luar se levantava e tremia espelhando-se nas ondas.

Escolhendo outra, murmurou:

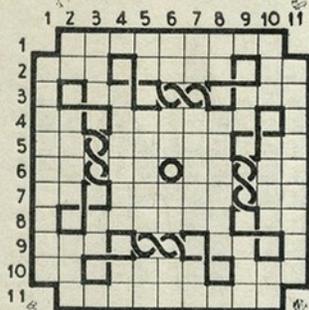
— Esta, vê? De brilho trado de esmeralda e de rubi, foi concebida na grande lâmina verde da onda enquanto o sol nascente atravessa as suas águas!... Ah!... que pena, que pena, ter de deixar de vez as minhas conchinhas e deixar de ver o sol, o mar, a lua e as estrelas!...

Arrancou do peito exausto um soluço embargado, fixou os olhos numa imobilidade de pasmo, muito abertos, como que luminosos, formosíssimos, e disse, súbitamente, titando-os no vago:

— Mãe! Escuta! Ela aí vem! A princesa das Ondas.

Como quem escutava, continuou: — Vem vestida de sol, de luar, de púrpura, de ouro e madreperola... Os seus cabelos dispersos pelas espíguas de espuma são como algas luminosas... Seus olhos brilham como duas estrelas... Vejo-a no mar... vejo numa grande concha da cor das minhas, mas grande, muito grande, saltando reverberos de cores tão belas, tão deliciosas como só hoje as vi! Ai vem! Desembarcou... Está ao pé da mim... Deslumbra-me o teu brilho... Aproxima-se... traz consigo as ondas... As ondas frias batem-me nos pés, mas ela despedra raios de luz irrida... uma luz divina que me envolve toda... Vejo-a bem!... Seus cabelos brilham como fios de arco-íris... Cresce para mim... Que

PALAVRAS CRUZADAS



PROBLEMA N.º 127

HORIZONTAIS

- 1 — Em que há luar (pl.).
- 2 — Aqui está; Mostra-se ressentido; Artigo (ant.).
- 3 — Preposição e artigo; Arquipélago da Malásia holandesa.
- 4 — Aqui; Célebre matemático físico, filósofo e escritor francês, do séc. XVII, que aos 16 anos já escrevia um tratado de «Seções Cónicas» e aos 18 inventava a «Máquina aritmética».
- 5 — Certo; Vértice da pertubérancea occipital externa; Nome de uma letra grega.
- 6 — Além; Laço; Pronome pessoal; Nome antigo da nota musical «do».
- 7 — Campeão; Protelam; Em a.
- 8 — Pião pequeno; Prefixo de negação.
- 9 — Cólera; Sádia.
- 10 — Alternativa; Subam de avião; Fezes.

- 11 — País da África Oriental, onde as tropas do Reino Unido se cobriram de glória desalojando o inimigo que desde anos atrás o ocupava.

VERTICAIS

- 1 — Médico.
- 2 — Medida itinerária chinesa; Estimas; Artéria.
- 3 — Costuma; Utensílio.
- 4 — Dai o vosso parecer; Sexto.
- 5 — Nome que os egípcios dão ao Sol; Electrodo positivo; Artígio (pl.).
- 6 — Preposição; Nota de música; Frequente; Pertences.
- 7 — Escalvado; Fixar e preço; Nota musical.
- 8 — Alto aí!; Entusiasmas.
- 9 — Símbolo químico do alumínio; Acolá.
- 10 — Ente; Castiguel; Partia.
- 11 — Nome que teve Portugal até o séc. X.



Solução do problema 126

linda!... Beijou-me na testa, mãe!...

Daniela calou-se de súbito semicerrou os olhos, e, em voz cava e trémula, murmurou:

— Ah! Que beijo tão frio!... Um beijo de gelo!...

No corpo de Daniela passava um arripio seguido de um grande estremeamento, e após, uma repentina imobilidade...

As pálpebras tinham-se-lhe dilatado. O olhar muito fixo, como a querer sair-lhe das órbitas, era ainda formoso, mas de uma formosura estranha, única sobrehumana...

A mãe, apalpando-a, notou que o corpo se inteirissara, paralisado.

Daniela estava morta. Espirara contemplando a Princesa das Ondas...

HERPETOL

PARA DOENÇAS DA PELE

UMA GOTA DE HERPETOL e o seu desejo de coçar passou. A comichão desaparece como por encanto. A irritação é dominada, a pele é refrescada e aliviada. Os alívios começaram. Medicamento por excelência para todos os casos de eczema húmido ou seco, crostas, espinhas, as rupções ou ardência na pele.

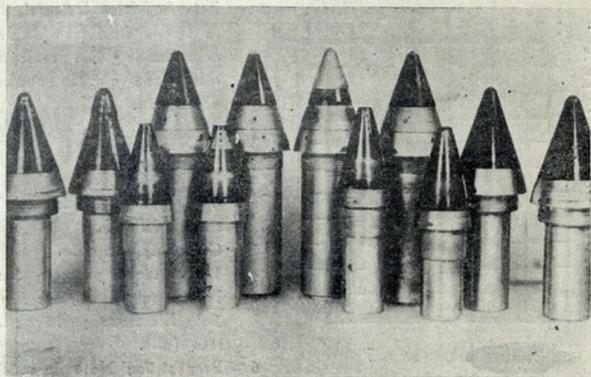
Encontra-se em todas as farmácias e drogarias

Vicente Ribeiro & Carvalho da Fonseca, Limitada

RUA DA PATA, 237 LISBOA



NOVAS ARMAS DE GUERRA



Projecteis com especiais espoletas

Foi há pouco revelada, pela marinha Americana, uma importante arma secreta da guerra denominada «Variable Time Fuse» e que consiste numa espoleta de tempos equipada como seu próprio aparelho receptor e transmissor de cinco válvulas. Faz explodir um projectil assim que se aproxima de alvo, a uma distância capaz de produzir estragos.

Esta arma foi inventada pela Repartição de Investigação e Desenvolvimento Científico dos Estados Unidos, a pedido dos Serviços de Material de Guerra de Marinha, e a ela o almirante Ernest J. King, comandante-chefe das operações Navais, se referiu nos mais elevados termos, classificando-a de «grande conquista científica, que muito contribuiu para se alcançar a vitória final das Nações Unidas».

A qualidade em lâminas de baixo preço não é coisa impossível — como o certificado todos quantos usam as Nacet. Qualidade, significa — uniformidade — nas lâminas Nacet. Da primeira à última de cada pacote, tôdas são igualmente boas e garantem uma barba feita com suavidade, perfeição e... conforto

Cada pacote de 10 lâminas 6\$00 esc.

Laminas
"NACET"

75, RUA DA CONCEIÇÃO, 1.º — LISBOA

REFLEXOS DO MUNDO

Crítica ambígua

Há alguns anos encontrei Margot, Lady Asquith, à saída de Queen's Hall. Sentia-me na verdade doente, depois de ter ouvido a *Grand Messe des Morts*, de Berlioz, a coisa mais barulhenta que se pode imaginar. É Berlioz, no máximo do seu frenesi, com bronze em massa, no máximo rendimento, câoros às centenas, e timbales (escreveu ainda a partitura para um caahão) de maneira que o ouvido estava completamente saturado.

— Qual é a sua opinião — perguntei a Lady Oxford, que estava mais hirta do que nunca.

— É uma sorte estarmos ainda vivos — foi a sua ambígua resposta.

(Time & Tide)

Sem resposta

Alexander Woolcott contava, entre outras historietas, esta que a seguir reproduzimos:

Certo turista, desejando empreender uma viagem de recreio, solicitou ao empregado da agência, onde se dirigiu, que lhe

surgerisse um lugar para passar as férias.

O empregado encaminhou-se para o Globo terrestre que estava situado a um dos cantos do escritório, e imprimindo-lhe um movimento de rotação, convidou o cliente a escolher.



Os ingleses têm transportado por via aérea as crianças e mulheres holandesas, que tinham sido detidas pelos japoneses

Este, dando mais um piparote no globo, perguntou à queima roupa: — Não tem nada melhor?

(Scope)

Epitáfio

No adro de uma velha igreja de Vermont, há um grupo de sepulturas que desperta a atenção, não só pela sua orientação, como também pela sua originalidade.

Quatro delas dispõem-se em redor da quinta, por conseguinte, situada ao centro.

Encimando cada uma das quatro sepulturas periféricas, encontra-se uma mão esculpida, com o dedo indicador voltado para a sepultura central. Junto dela lê-se a seguinte inscrição: *O nosso saudosos marido.*

Linguagem oficial

Washington tem agora um psicólogo do Governo cuja função é traduzir em inglês a algaravia oficial. Exemplo:

Uma definição oficial do consumidor de ovos diz:

Consumidor quer dizer a

persona ou grupo de pessoas, geralmente constituindo um agregado familiar que compra, recebe ou adquire ovos, geralmente em lojas individuais de retalhistas, ou compra, recebe ou adquire ovos na residência do próprio indivíduo ou do agregado familiar a produtores, retalhistas ou distribuidores e utiliza os ovos assim comprados, recebidos ou adquiridos na sua alimentação.

Quando o psicólogo acabou de ler esta definição, escreveu esta outra:

Consumidores são as pessoas que compram ovos para omer.

(Evening Standard)

Questão de dose

Qual é o nome de criança? — perguntou suavemente o prior.

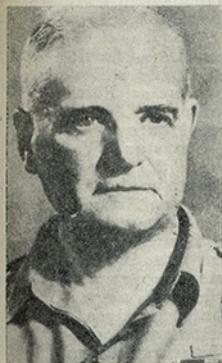
O marinheiro, sorrindo com orgulho, enquanto apresentava nos seus fortes braços o pequenino rebento, declarou:

— Chancey William Robert Montgomery Sterling

O prior, voltando-se para o sacristão, disse: — Trás mais sal.

(Toronto Globe and Mail)

REFLEXOS DO MUNDO



O major William Donovan, promotor de justiça americano, no julgamento dos criminosos de guerra na Europa

«Revista de Imprensa Britânica»

Numa simpática iniciativa de cultura e informação, o sr. Horácio Zino, adido de Imprensa à Embaixada Britânica, fundou um pequeno jornal que é o respositório do que, com mais interesse, se lê nos periódicos do seu país. A «Revista da Imprensa Britânica» dá-nos o panorama geral do que se publica, na Inglaterra, sobretudo, opiniões da política internacional. Além do interesse selectivo da publicação, ela tem outro que, desvanecidamente, registamos: o de desenvolver pelo conhecimento da vida e do pensamento inglês, os laços históricos e tradicionais que nos prendem ao nosso velho e heróico aliado.

Horácio Zino

Seguiu para a Madeira, onde vai visitar sua mãe que se encontra enferma, o sr. Horácio Zino, adido de Imprensa à Embaixada Britânica. Fazemos votos pelo rápido restabelecimento da ilustre senhora.

Estimulando a Amizade Franco-Britânica

O Ministério da Educação da Grã-Bretanha fez planos importantes para aproximar as juventudes da França e da Grã-Bretanha. O novo Ministro da Educação, Miss Ellen Wilkinson, apóia dois projectos especiais. O primeiro é estimular os

rapazes e as raparigas das duas nações, a trocarem correspondência e a conhecerem os interesses e os passatempos de cada um. O segundo projecto tem por fim a conjugação de escolas com a mesma base fundamental e os mesmos interesses: por exemplo, uma escola num pórtico britânico seria conjugada com uma escola num pórtico francês, região mineira com região mineira e assim por diante. Ao Ministro da Educação da França vão ser enviados, o mais depressa possível, planos para o estímulo da amizade com a França.

Miss Ellen Wilkinson considera que a amizade estimulada entre as crianças de escolas dos dois países pode muito bem continuar depois de os alunos terem saído da escola. Ambos os projectos compreendem a troca de visitas pelos professores e os alunos de ambos os países, durante as férias escolares.

(European Correspondent)

Recomendações

Muitas vezes me lembro de Anton Chelcov, de saudosa memória, que, certo dia, escreveu no seu livrinho de notas — Mes-tiguém bem o que coaem — diz o pai aos filhos — tomem banhos de água fria e lavem bem as orelhas. E os pequenos, mastigam muito bem o que comem, tomam banhos de água fria, lavam as orelhas; mas o pior é que crescem infelizes e sem talento algum.

(Time & Tide)

Nações neutras

Não nos parece aconselhável a ideia da construção de casas de alumínio. Depois de uma bâtega de água, seguida de sel forte, os criados gritariam: Senhor, a casa está a arder!

Falando de conferências, se algumas das grandes potências mostrassem tódas as suas cartas, precisaríamos de ter umas pernas particularmente longas.

E agora eis o que rezavam os anúncios da propaganda de um candidato da Srisik Country Council: *Votem por Nulligan para o Country Council se quiserem uma paz verdadeira na Europa.*

(Dublin Opinions)



SUA SANTIDADE O PAPA, COM O GENERAL MORGAN, EMBAIXADOR SIR D'ARCY OSBORNE E O MARECHAL ALLAN BROOKE, DEPOIS DE UMA IMPORTANTE CONFERÊNCIA



Gracie Fields, cantando para os soldados britânicos, num teatro de Viena

Definição do amor

O Amor, quando entre duas pessoas de sexos opostos, é uma emoção complexa, cujos factores salientes são o que chamerei a paixão, o descendente civilizado (aliás muito parecido com os seus antepassados) da necessidade biológica que mantém a existência da raça; e, com isto,

um elemento que pode ser definido com uma amizade ou uma camaradagem. A primeira destas emoções, possivelmente devido à sua natureza primitiva, é efémera. Morre, como morrem tódas as flores. As suas causas — novidade, estranheza e mútuas descobertas — são incompatíveis com a familiaridade que nasce dum vida em comum e num casamento verdadeiro e elas definham imperceptivelmente, deixando o seu fruto e reforçando a amizade. A beleza do amor desaparece se a sua mera expressão física pretende ser uma gratificação sensual sem os acompanhamentos espirituais e estético que lhe dão o valor humano.

(Spectator)

Esta aconteceu

Um homem de Glasgow ficou extraordinariamente admirado quando, metendo uma moeda de meio penny numa máquina de sellos, além de meia dúzia de sellos veio uma chuva de dinheiro.

Dirigindo-se à estação de correios mais próxima começou a dizer à empregada: — Aquele máquina de sellos...

Não lhe foi possível dizer mais nada.

— Já sei, queira desculpar — interrompeu a empregada — Está outra vez avariada. Tome lá outro penny.

(World's News)

O VALOR DAS ESTATÍSTICAS

1946. O mundo caminha a passos gigantescos. As estatísticas são a melhor forma de controle do que se passa no mundo, além disso, são ainda uma fonte de estudo para os vindouros. Por elas temos a facilidade de saber muitas coisas que, sem elas, seriam totalmente ignoradas. Para exemplo citaremos este caso.

O nosso País tem 8 milhões de habitantes ou seja 16 milhões de pernas. Se cada habitante comprar, por ano, um par de meias «CASULO», que custam em qualquer casa 30 escudos e, que o

Rei das Meias, Ltd.^a

L. Rafael Bernaldo Pinheiro, 32 LISBOA

vende por Esc. 26\$50, teríamos assim uma economia anual de 280 milhões de escudos?!



PAUL HENRI SPAAK

O novo presidente da Assembleia da Liga das Nações (U. N. O.) é uma personalidade de primeiro plano na política europeia contemporânea.

Paul Henri Spaak nasceu em 25 de Janeiro de 1899 e formou-se em Direito na Universidade de Bruxelas. Antes de iniciar a sua carreira pública e profissional, alistou-se, porém, no exército do seu país e combateu durante a primeira guerra mundial, sendo feito prisioneiro dos alemães, em 1916. Conservou-se em território inimigo até ao fim das hostilidades. Fez uma tentativa para se evadir do campo de prisioneiros onde fôra encerrado, a fim de se juntar às forças belgas que combatiam no Yser, mas foi descoberto. Em 1932, foi eleito, pela primeira vez, deputado. Três anos depois sobraçou a pasta dos transportes, no gabinete de união nacional presidido pelo economista Van Zeeland.

Entre 1936 e 1938 foi duas vezes ministro dos Negócios Estrangeiros nos governos van Zeeland e Janson, tendo, nessa qualidade, presidido a Conferência das Nove Potências (Extremo Oriente) que, em Novembro de 1937, se reuniu em Bruxelas. Ocupou as funções de chefe do governo belga desde maio de 1938 a 1939 e, em 3 de setembro de 1939 voltou a dirigir a política externa da Bélgica.

Sabe-se o que lhe aconteceu depois da declaração de guerra da Alemanha ao seu país. Obrigado a exilar-se em França e mais tarde em Inglaterra, depois da derrota belga, tornou-se um dos mais activos chefes da resistência continuando, ao mesmo tempo a dirigir a política externa da Bélgica como membro do governo do seu país que fixou a sua sede em Londres.

CRONICA INTERNACIONAL

A U. N. O.

O ambiente de compreensão construtiva em que decorreram as primeiras sessões da Assembléa da U. N. O. é de modo a encorajar as esperanças de que, desde a primeira hora, os povos puzeram no funcionamento e na eficácia daquele organismo. É quase ocioso dizer que, perante a prova insofismável dos factos, êle constitui a última possibilidade real e a única fórmula aceitável de impedir a eclosão de uma terceira conflagração mundial. E esta, tôda a gente tem a noção exacta do que seria e ninguém ignora quais seriam os seus resultados finais.

Os motivos originaes de fraqueza que caracterizam o Estado da organização cujo funcionamento, agora, se iniciou, são conhecidos e seria superfluo insistir nêles. O direito de veto atribuído às grandes potências, consagrando o princípio de uma hierarquia de nações e paralisando o mecanismo das sanções, constitui um inconveniente que precisa ser removido, o mais rapidamente possível, para que ninguém possa duvidar da sinceridade, da boa fé e da pureza de intenções com que todos os membros da U. N. O. se dispuseram a dar o seu contributo para a organização do mundo novo.

Mas, simultaneamente, quantas vantagens, desde já evidentes, resultam da existência de um sistema de cooperação e segurança que, não podendo eliminar, de um dia para outro, todos os motivos de desconfiança e tôdas as razões de dúvida que os séculos acumularam entre os povos, permite aos seus membros a troca livre de impressões e de opiniões no debate criado pelo conflito dos interesses e pela identidade das aspirações?

O mundo estava apenas a seis anos do malôgro da primeira tentativa feita para organizar, sôbre os postulados da cooperação e da segurança, uma paz eficiente e construtiva, e para eliminar definitivamente o recurso à guerra como método de liquidar as divergências internacionais. Durante os vinte anos em que essa primeira tentativa vegetara, no meio da hostilidade aberta e agressiva de todos os factores de guerra, nenhuma afronta foi poupada aos homens que trabalhavam afincadamente para realizar na terra o ideal de paz preconizado na mensagem divina.

E, ao mesmo tempo que, ao longo de vinte e seis anos de ameaça de guerra e de guerra declarada e total, a acção dos agentes do mal foi multiplicada pela energia dos descrentes e dos cépticos, dos ambiciosos e dos cúmplices, os princípios cristalianos em que repousava a tentativa malograda a que os povos se haviam devotado voltou a aparecer, ao espírito de todos, como solução única para as dificuldades que voltariam a fazer-se sentir, mas com uma acuidade redobrada, quando a lei da selva deixasse de imperar sôbre os seus destinos.

Esta é, verdadeiramente, a génese da U. N. O. que ensaia, penosamente, os seus primeiros passos no meio de dificuldades que parecem irremovíveis e de obstáculos que se nos afiguram decisivos. Sobrecarregá-la com a resolução imediata de problemas, que embora colocados no âmbito da sua jurisdição e nos limites da sua competência, afectam a fragilidade da sua estrutura actual, só pode contribuir para lhe atrazar a marcha penosa e a ascensão difícil. Mas impedir que, no seu areópago, se manifestem, abertamente, os sentimentos dos povos agredidos ou ameaçados, seria negar a própria essência da instituição.

O OBSERVADOR

Prosseguiu o espectáculo

No centro da zona londrina dos teatros—Leicester Square—apareceu um tributo americano à coragem dos artistas de teatro, tanto britânicos como americanos, que prosseguiram com os seus espectáculos durante os grandes bombardeamentos.

Este tributo tomou a forma de uma placa de bronze oferecida pelo Variety Clube of América e foi afixada nos muros do Hippodromo de Londres. Desceerrada por miss Edith Evans e pelo sr. Albert Whelan, presidente da Federação dos Artistas de Variedades, que foi o primeiro sindicato conhecido no mundo teatral, revela uma inscrição apropriada.

Diz: «Em honra imorredoura dos artistas britânicos e americanos que, durante os dias mais negros da blitz, contra Londres... quando a firmeza e coragem sem mistura contavam como armas de guerra... tiveram sempre presente o lema da profissão: «Hoje e tôdas as noites o espectáculo prossegue.»

Entre os artistas americanos que ficarão, por muito tempo, na recordação dos auditórios britânicos, pela sua coragem em prosseguir os seus espectáculos depois de soarem as sirenes de alarme dos ataques aéreos, contam-se Bebe Daniels e Forsyth, Seamon e Farrell.

Tommy Trinder, um dos artistas predilectos da Grã-Bretanha, passou as noites de ataque aéreo indo de abrigo em abrigo entreitando com o seu talento a gente ali refugiada.

Ouro côr de rosa e verde

Admiraram-se recentemente várias novidades da joalheria britânica. Os artefactos respectivos estão resolvidos a manter posições na primeira linha dêste comércio mundial em que há muito se celebrizaram.

Adereços de jóias — «clips», brincos e pulseiras a dizer, assim como grandes broches ou colares que podem ser subdivididos em dois ou três «clips» mais pequenos, são características da tendência moderna. Empregaram-se muitos novos tipos de montagens, como por exemplo, uma pulseira de diamantes contendo mil pedras, trabalho tão soberbo que é flexível como um pedaço de fita.

Fizeram-se experiências bem sucedidas na produção de ouro colorido. Nos novos modelos aparece ouro verde, conseguindo-se também produzir ouro mate ou não polido.

As pedras e os metais preciosos vêm de vários pontos da Comunidade das nações britânicas.

MUNDO GRÁFICO

Director: ARTUR PORTELA

Chefe de Redacção e Editor: REDONDO JÚNIOR

Redacção e Administração: Rua das Gáveas, 6-2.º | Lisboa | Telefone 2 5240

REVISTA QUINZENAL

PROPRIEDADE DO MUNDO GRÁFICO, LDA.

Composição e Impressão: Neogravura, td.º — Travessa da Oliveira, à Estrêla, 4 e 10 — Lisboa

PAGINAÇÃO DE ROMEU MARQUES CARDOSO

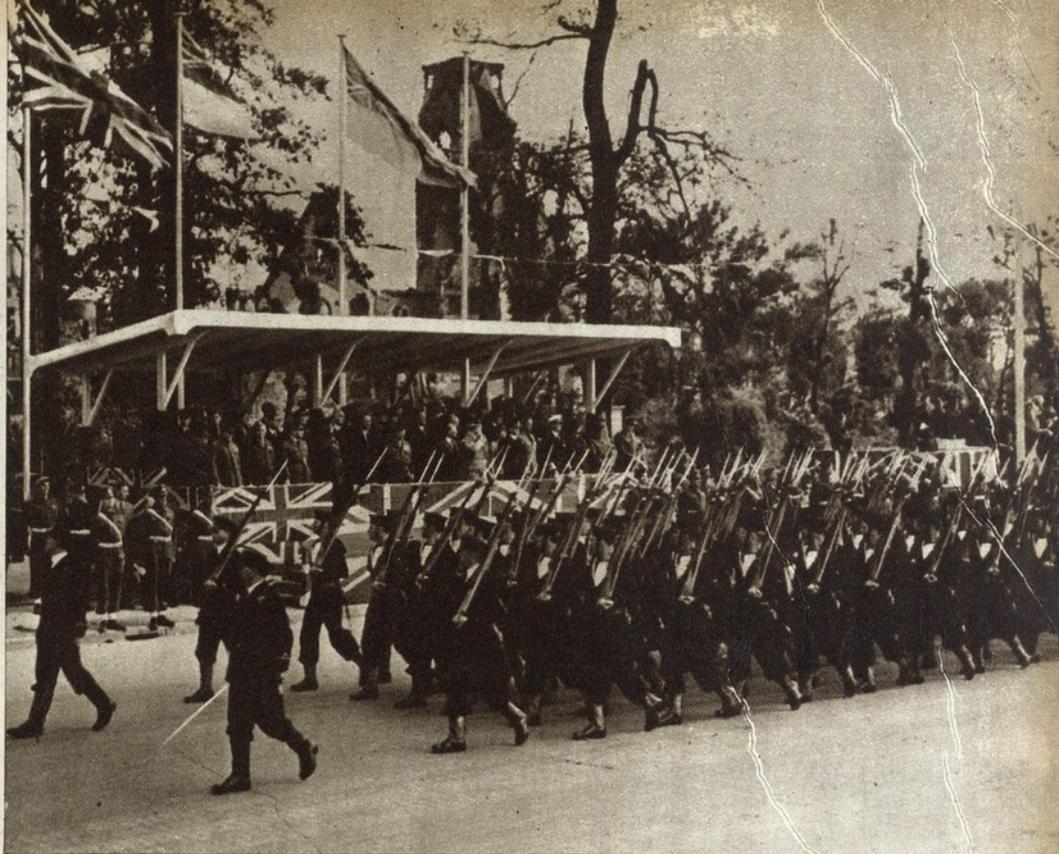
Preço 1880

VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA

BERLIM foi ocupada pelos exércitos vitoriosos. Pode dizer-se que as tropas aliadas se encontraram, simbolicamente, na capital do Reich, de onde Hitler, com os seus arengas, ameaças e fanatismos durante tanto tempo ameaçou o mundo. Berlim conhece a sorte das cidades malditas. Lá vem na Bíblia o nome de duas. Sodoma e Comorra, que foram castigadas pelos males da corrupção e do vício. Não se pode dizer que a população alemã não se solidarizou com o seu dramático idolo. A sua eufória bélica parece, porém, ter desaparecido. A Alemanha que, depois da outra guerra, blasonava não ter sido vencida, nem invadida, reconhece agora iniludivelmente pela terrível lição dos factos que, nesta, foi não só militarmente, derrotada, mas ainda ocupada. Que lhe aproveite a lição é o que todos os homens amantes da paz devem desejar. O sector, ocupado pelas tropas inglesas, permanece calmo. O britânico é inflexível, mas humano.

O racionamento estabelecido atende a todos, dando primordial importância, como se impunha, às mulheres e às crianças. Não terão os alemães manteiga, mas também para que a quem eles se, já antes da guerra, a dispensavam para fazer canhões?

A certa altura os ingleses

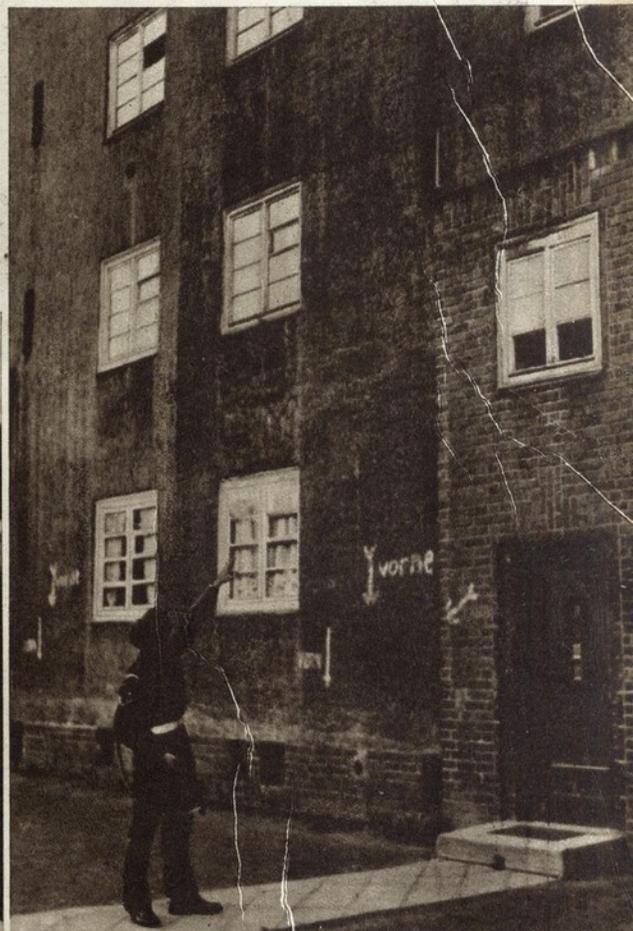


A marinha inglesa desfila, vitoriosamente, nas ruas de Berlim

OS INGLÊSES EM BERLIM



Um friso de malfeitores berlineses



A polícia militar britânica teve que cercar esta casa, onde se refugiaram alguns gangsters alemães. O guarda aponta para a janela, de onde eles fizeram fogo

PARA QUE SERVEM OS CAPACETES ALEMÃES



Recolhendo os capacetes dos soldados alemães, para os transformar em bateria de cozinha



Como se faz uma vasilha que pode ir ao lume



O capacete transformado em panela



Os soldados alemães recolhem os destroços de material bélico da Luftwaffe, que os bombardeamentos aliados dissimularam por toda a parte



Rapazes de Berlim vendo os horrores dos campos de concentração num cartaz mandado afixar pelos aliados

receberam, na zona, um grande afluxo de refugiados da área russa, mas isso também já foi regulado. A polícia é assaz rigorosa. Verifica-se que os jovens nazis, com a consciência violentada por uma moral de agressão derivada para o crime e o assalto constituindo, por vezes, temerosos bandos que o ocupante, é obrigado a reprimir a todo o custo.

Mas isso são incidentes que não alteram a fisionomia em ruínas da capital vencida. A ocupação dos aliados tem, sobretudo, por objectivo, familiarizar o alemão com as idéias da paz e da fraternidade. É preciso destruir, no povo, a trágica filosofia do racismo. Demolir todas as europeias de uma superioridade que, afinal, só existia através de uma propaganda mórbida e nevrótica.

Ensinar às crianças, em textos simples, o valor da vida, o direito à liberdade, e ainda como se pode ser feliz sem armas, nem aspirações de do-

(Continua na página 80)



Um aspecto de Berlim, Ruínas e curiosidade

LING-CHONG, O GRANDE MAGO DO ORIENTE

A vida material, palpável, a vida que todo o homem compreende na sua expressão superficial raramente encerra a sombra de um mistério. É a vida de todos os dias — de sempre. Mas o que a existência tem de sortilégio, de indefinido, de dificilmente compreensível, nem todos o podem entender. No fundo é mistério que o homem lhe empresta. Nas coisas mais simples há sempre uma sombra ou uma luz que refletem mistério. Reside este nas próprias coisas ou é a magia que lucila nas obscuras faculdades humanas? Isto é uma interrogação, como, aliás, são tantos factos que os olhos contemplan sem, todavia, os decifrar. O mistério da levitação, as cenas impressionantes de estranhos desaparecimentos à vista do público, as

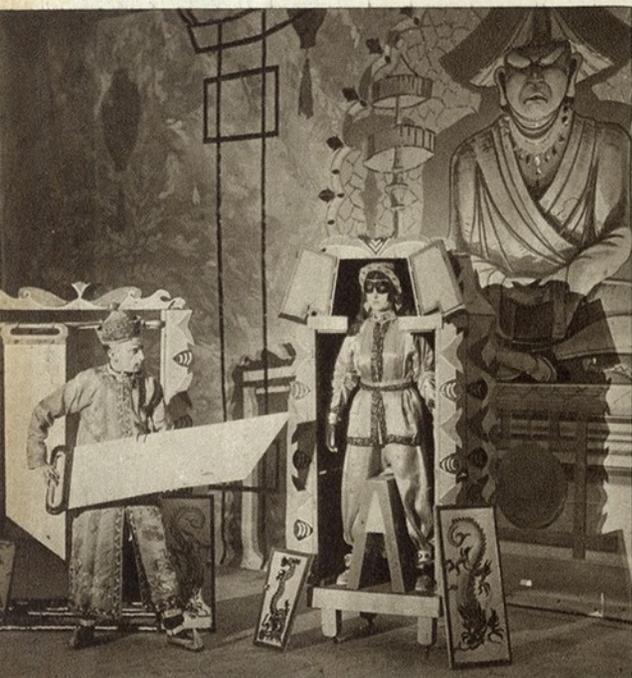
(Continua na página seguinte)



Dos seus olhos desprende-se um estranho fluido que vai fazer a levitação deste corpo inerte



Uma sorte de levitação em que a realidade atinge a magia do sobrenatural



Como é iniciada a dupla decapitação de uma mulher. O leitor talvez ache simplista a explicação. Mas estas coisas só vistas...



A carta sobe entre os vidros. A razão por que ela ascende é que é mistério...



pequeno, que é filho de Octávio de Matos, já assombra as pessoas adultas com a sua ciência-mistério



Octávio de Matos realizando uma das suas mais completas e atraentes sortes de prestidigitação



Esta mulher é encaixotada e trespassada duas vezes por duas espadas de gumes afiados

ações «visíveis», o aparecimento inesperado de fabulosas figuras, e tantos e tantos variados «factos» que surpreendem e assombram a realidade, constituem o ser raro de um sortilégio. E muitas vezes tudo isso parece não ser deste mundo, vencer a sombras do além, parecer ao clarão de um fa- fosforescente, há também as que nós tentamos explicar na oculta intuição do nosso mundo inconsciente. E' a todo o mundo de sombras criado pela imaginação dos homens, e muitos chamam arte e ocultismo. Talvez não erramos se lhe atribuíssemos as designações. Pois a arte tem seus mistérios; e a magia não seria completa sem o auxílio de certos artificios da

Para esclareçamos o leitor prevenido que, decerto, já notando algum mistério na descrição de coisas mais ou menos celestiais. Tudo isto é a propósito de um dos maiores prestidigitadores que ao momento nos foi dado citar: Octávio de Matos — chama o artista em questão. Prepositadamente lhe chamamos artista, pois Octávio de Matos é, além, de «fazedor de mistérios», um interessante



As cartas não são as que o leitor está a contemplar, mas, sim, as que o prestidigitador quer que sejam

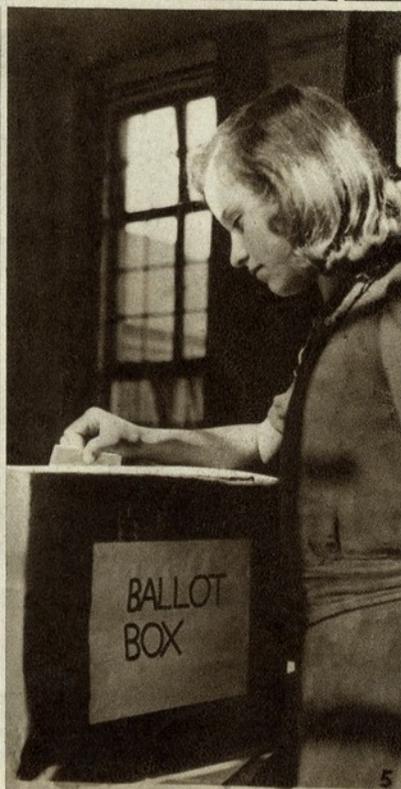
(Continua na página 29)

UM LABORATÓRIO DE CIVISMO



Uma escola secundária britânica elege um parlamento, promulga leis e nomeia um ministério

- 1) — Uma lição prática do civismo. As crianças obtiveram autorização para assistir a uma das reuniões do conselho fiscal
- 2) — Produzem-se cidadãos sérios. Uma sessão do Parlamento escolar
- 3) — O Ministro explica-se perante as parlamentares femininas que são muito exigentes
- 4) — Um eleitor rural prepara o seu voto para eleições escolares
- 5) — A votação é tão secreta como nas eleições nacionais e a urna é exactamente igual às que são usadas nas eleições parlamentares
- 6) — Verificação do nome dos eleitores no caderno eleitoral como salvaguarda contra a votação ilegal
- 7) — «Minhas senhoras e meus senhores, existe um defeito nas facilidades recreativas da escola que entendo ser do meu dever submeter à vossa apreciação»





O civismo não é um dos assuntos de laboratório e o trabalho prático não é fácil de organizar para crianças da idade escolar e, no entanto, não há assunto em que um modelo que funcione praticamente seja mais necessário. A vida da comunidade tem de ser estudada por meios activos. As crianças das escolas não podem vir a ser cidadãos úteis se o seu conhecimento relativo às suas obrigações e aos seus privilégios fôr apenas teórico.

O director de uma escola inglesa ocupou-se do lado prático do ensino do civismo, transformando toda a escola numa lição prática. Organizou as crianças na forma da comunidade democrática com o seu Parlamento próprio, eleito livremente, e um Ministério activo, de maneira a fazer da escola um microcosmo da nação.

Trata-se de uma escola secundária com cerca de 350 alunos. Situada numa pequena cidade industrial, recebe alunos, em parte da cidade e, em parte, do distrito rural adjacente, que contém 10 aldeias. É portanto coisa simples dividir os alunos em circunscrições eleitorais, representando os distritos de onde vêm, e efectuar eleições parlamentares. Cada grupo de 25 alunos elege um representante para o Parlamento.

A legislatura é de um ano, e não de cinco como no Parlamento nacional, as reuniões são semanais e são presididas por um professor, que desempenha o papel do «speaker» (presidente da Câmara). A Câmara é um corpo legislativo exactamente como a Câmara dos Comuns em Westminster e as suas leis vigoram em toda a escola.

Escolhe-se um Ministério de entre os membros eleitos no Parlamento. Apenas duas nomeações são arbitrarias: a do Primeiro Ministro, que é nomeado pelo pessoal docente de entre os alunos eleitos, e a do Ministro das Finanças que regula as finanças da escola e é portanto invariavelmente um professor. Com estas duas excepções, a Câmara escolhe o seu Ministério de entre os seus membros. Numa comunidade tão pequena é evidente que não se pode reproduzir, em todos os pormenores, o Ministério Nacional e existem apenas os cargos que são precisos para tratar das actividades e das necessidades da escola.

O Ministério da Educação é um dos cargos mais importantes. O Ministro tem a seu cargo todas as actividades educativas externas, organiza as visitas e as excursões para fins educativos, fixa a data de conferências e demonstrações, acolhe as visitas à escola e serve de traço de união entre os alunos e a Associação dos Pais. Todas as sociedades escolares

(Continua na página 29)

8) — Uma sessão da Câmara. Registam-se votos por mãos erguidas e a resolução da maioria passa a constituir lei para a escola

9) — Um clube escolar que pertence à jurisdição do Ministro da Educação

10) — O Ministério da Agricultura é um negócio além de ser um meio de instrução. Produz rendimento assim como alimento para a mesa do almoço

11) — A apicultura é um dos entretenimentos dos alunos rurais. É-lhes ensinado cientificamente e pode passar a ser um modo de vida





MARIANNE O'BRIEN VICTOR MATURE JANE WITHERS DICK BYRON
 O fotógrafo — um ás de Hollywood — surpreendeu-os em alegre intimidade, entre dois cocktails atômicos. Mature conta, com ar muito grave, uma anedota que o Clipper levou da Europa. Está muito senhor do seu papel, que a Jane acha delicioso



L. B. MAYER MARIE MACDONALD CARTON ALLSOP
 O sr. Mayer, não conhecem? É um dos magnates do cinema. O Allsop parece muito interessado com ele.



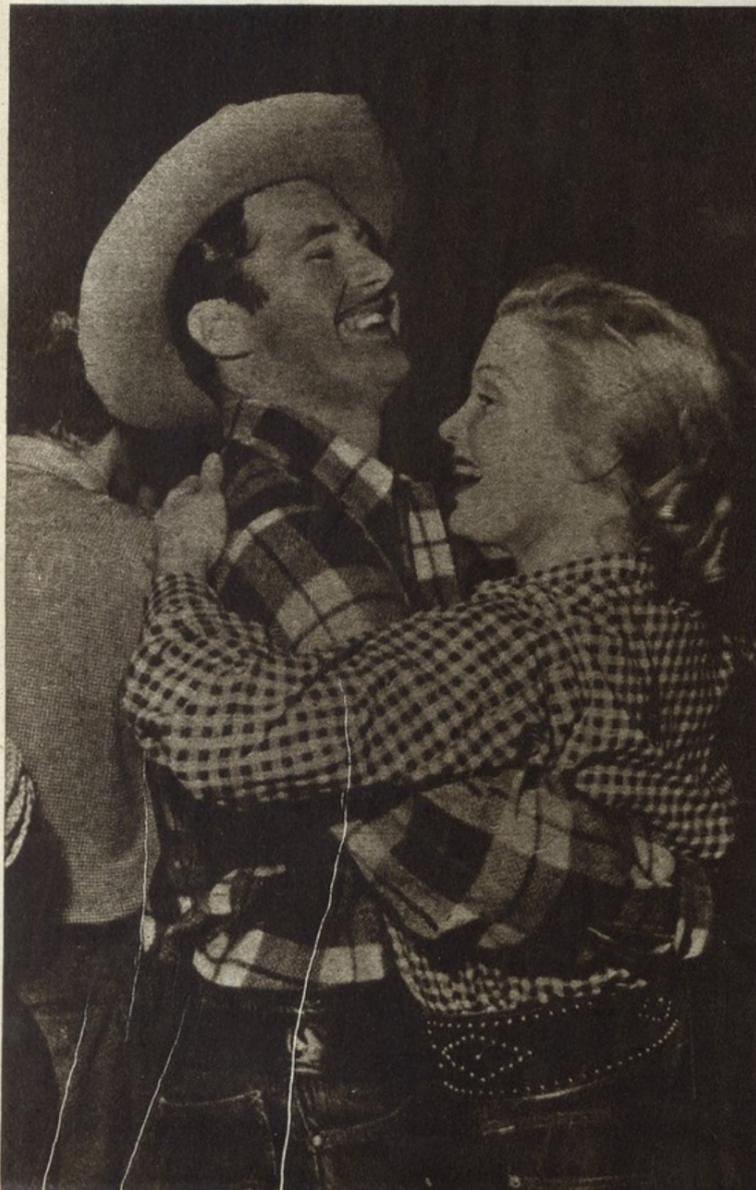
EDUARD G. ROBINSON COBINA WRIGHT
 Esse Robinson que fez gangsters como gente grande confraternizando com a Cobina Wright



LORETA YOUNG TOM LEWIS
 A Loretazinha está contente como uma menina e o Tom tem ar de senhor ciumento.

A NOITE DAS ESTRELAS SURPREENDIDAS

PAUL BROOKS JOAN CAUFIELD
 Estão extraordinariamente felizes — ele, um cow-boy a fingir e ela «a filha audaciosa de um rancheiro do Oeste». Ele salvou-lhe a vida e prendeu todos os bandidos...

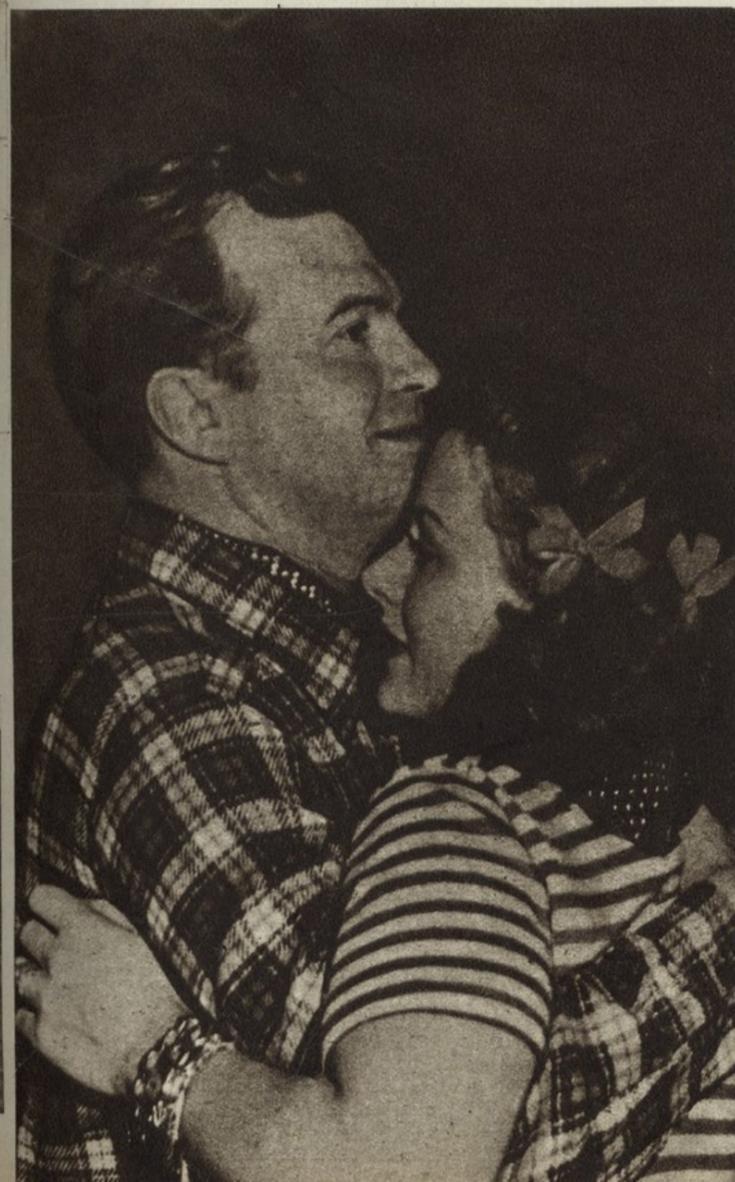


JUNE HOFNE JACKIE COOPER
 Vê-se mesmo que estão casadinhos de fresco. Com franqueza, Jackie, isso é bem... não vê que está toda a gente a olhar para si? Ora... claríssimo e vê nada



OR UM ÁS DA REPORTAGEM

JOHN LODER HEDY LAMARR
 És muito pezarão, John! Hedy tem que ter muito boa vontade para dançar contigo. Cuidado com os pés!... Olha que uma pisadela tua deve ser pior do que ser atropelado pelo expresso de S. Francisco



KATHRYN GRAYSON JIMMY DURANTE
 Hello, Jimmy! Vamos! numas dessas gargalhadas apoteóticas! Que é que tu estás dizer à Kathryn, com esse cara de menino ingênuo? Já tinhas muito bem idade de ter juízo

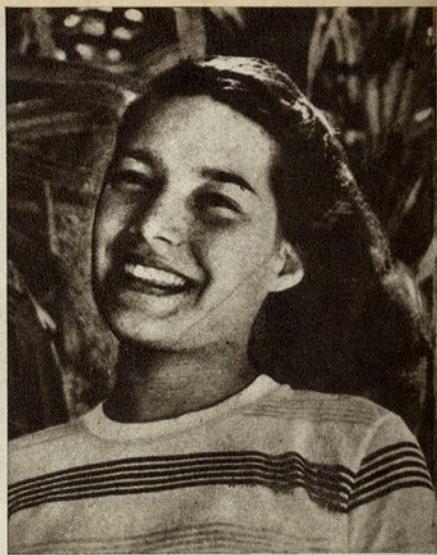




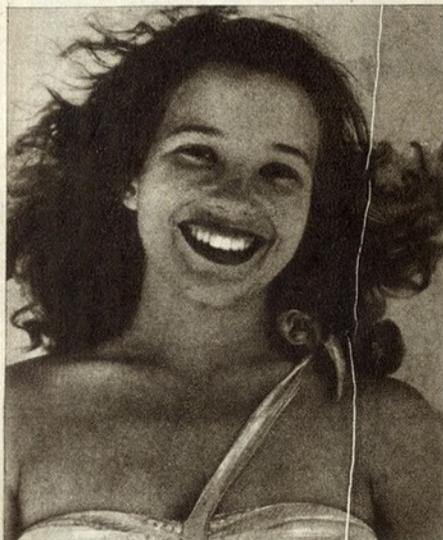
Caucaso-hawaiana. Harriet Markham, que tem ascendência inglesa e belga e da raça.



Mistura caucasiana. Alice Luis, de 20 anos, talentosa cantora, oriunda de um casal franco-português.



Caucaso-hawaiana. (Sangue inglês e hawaiana). Chama-se Angelina Hopkins e é uma magnífica dançarina de hula.



Caucaso-hawaiana. (Família portuguesa, irlandesa e hawaiana). É Barbara Silva, filha de um senador do Hawaii.

UMA NOVA RAÇA

O tipo humano não é inalterável. Evolui na cadeia sem fim das gerações, melhorando, insensivelmente, as suas qualidades físicas. Veja-se, por exemplo, a mulher. Há mais tipos de beleza hoje que no século passado. Influiu nesse fenómeno não só a quebra da clausura feminina, mas ainda, ao contrário de que esses pobres alemães supunham com o seu odioso racismo, a mistura das nacionalidades.

O sangue como que se renova com essas contribuições, produzindo canoas diferentes do tipo comum com base no mesmo povo. É também conveniente dizer que Eva, com todo o seu arsenal de beleza colorida, con-

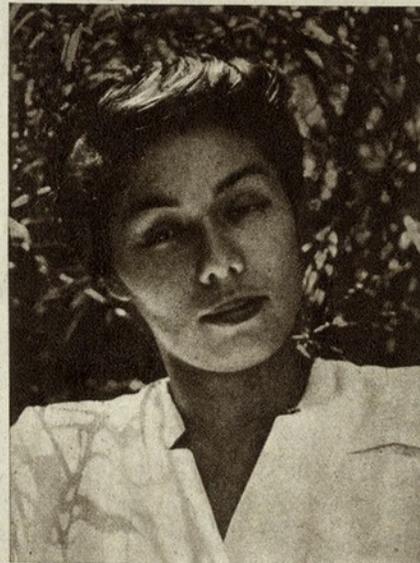
(Continua na página 30)



Asiático-caucasiana. (Avós coreanos, espanhóis e ingleses). É Lava Pak, tradutora da armada.



Asiático-hawaiana. (Ascendentes chineses, japoneses e hawaianos) que foi considerada erradamente como japonesa.



Japonesa. Puro sangue. Doris Nitta, de 20 anos, aluna da universidade de Hawaii, mas com mentalidade americana.



Asiática-caucasiana. (Chinesa e inglesa) Barbara Thorne, de 16 anos, casada com um caucasiano.



Um tipo de beleza. Trata-se de uma caucasio-hawaiana, com avoengos ingleses e da Ilha do Haval. Chama-se Pearl Stone, tem dezanove anos e é estenógrafa da Cruz Vermelha Americana.

OS FUSILEIROS INNISKILLING

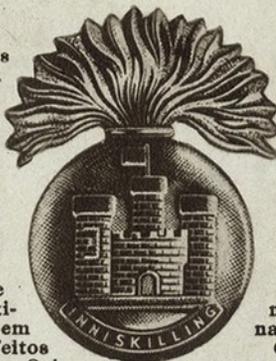
Pelo major T. J. EDWARDS

A Irlanda já forneceu vários belos regimentos ao exército britânico, e dos Reais Fusileiros Inniskilling é um dos mais antigos. Quando o rei Jaime pôs cerco a Enniskillen, em 1688, os habitantes agruparam-se em regimentos para a defesa da cidade. Quando foi levantado o cerco o rei Guilherme III formou vários regimentos regulares com esses valorosos defensores, um dos quais é agora o dos Reais Fusileiros Inniskilling.

As primeiras honras gannas por este regimento, em batalha, foram na Martínica, em 1762, em Havana e Santa Lúcia, em 1778 e 1796, onde realizou brilhantes feitos naquele clima então insalubre das Índias Ocidentais. Para assinalar a sua extraordinária bravura no assalto e captura de Santa Lucia, em 1796, a bandeira regimental dos fusileiros Inniskilling esteve hasteada na fortaleza capturada durante uma hora antes de ser içada a bandeira inglesa.

Prestou serviços em seguida no Egipto, em 1801, e em Maida, na Itália. Depois, sob as ordens do grande Duque de Wellington, colheu novos louros na Península e em Waterloo.

Em 1813, quando combatia na Península, uma companhia deste regimento teve que defrontar um batalhão inteiro das tropas francesas. Subitamente um oficial francês avançou e desafiou para um duelo



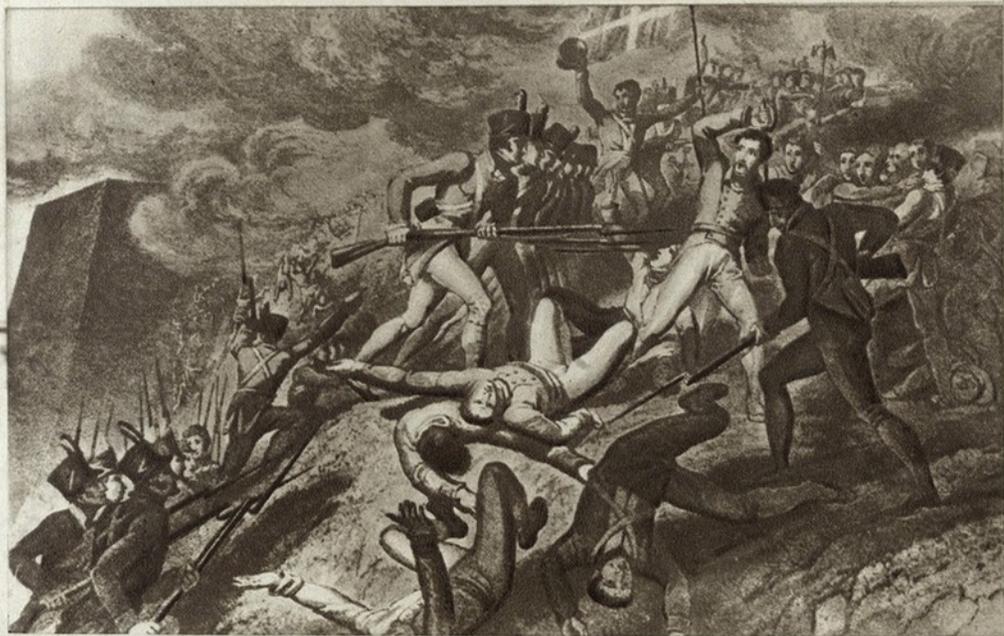
o comandante da companhia. Combateram no espaço que separava as linhas das duas forças até o comandante da companhia ferir mortalmente o seu adversário. Os franceses fugiram, então, perseguidos de perto pelos fusileiros.

Outros serviços distintos na África do Sul e durante a revolta na Índia deram novos louros a essa formação, antes da guerra de 1914-18, a qual foi aumentada com treze batalhões. O regimento serviu em França, na Flandres, na Macedónia, em Galipoli, no Egipto e na Palestina.

Os fusileiros Inniskilling estrearam-se na presente guerra com duros combates em França contra forças muito superiores do inimigo. Durante a retirada do general (Marechal de Campo) Alexander, de Rangoon para a Índia, portaram-se de maneira soberba em circunstâncias extremamente adversas. Durante a retirada travaram doze batalhas em campo raso e numerosas escaramuças com os japoneses, que tinham sempre a vantagem da força e da posição. Sem desfalecimento de ânimo devolveram-lhe os duros golpes com a bravura e a energia características dos Inniskilling.

O regimento foi um dos primeiros a chegar à África do Norte. Em Bouarada, em Janeiro de 1943,

(Continua na página 30)



Os fusileiros Inniskilling combatendo, na Espanha, em S. Sebastian, em 1813, durante as guerras napoleónicas



Os fusileiros em linha, em Modder River, África do Sul, durante a guerra Boer



Batalha de Cambrai, em 1917, numa trincheira de comunicações tomada aos alemães



Chegada a Han, em 15 de Janeiro de 1918, para substituir a 6.ª divisão francesa



A brigada irlandesa (os Irlandeses de Londres e os Inniskillings) numa batalha da Tunísia. Muitos homens foram condecorados



Combate no deserto na área de El Alamein (Agosto-Outubro de 1942) que parou o avanço do Afrika Korps alemão. Os Inniskilling encobrem-se conforme podem ao aproximar-se das linhas inimigas



Os fusileiros Inniskilling nas ruas de uma cidade na Sicília, em Julho de 1943



Centuripe, visto de uma altura. A cidade foi tomada após dois dias de duros combates e os fusileiros foram dos primeiros a entrar nela



Os fusileiros Inniskilling aproximam-se de Catena-Nuova, na Sicília



O sapateiro especializado em calçado para bailarinas

APERTA-DO entre as lojas elegantes, os teatros e os cinemas de Londres, existe um pequeno aglomerado de velhas ruas desalinhadas. Muitas das suas casas foram construídas nos fins do século XVII ou nos princípios do século XVIII mas o que chama mais a atenção são as suas lojas e os seus restaurantes. Em nenhum outro ponto de Londres existe tamanha concentração de restaurantes e muitas das lojas ainda estão muito regularmente fornecidas de géneros e de vinhos exóticos.

Esta pequena colónia estrangeira de Soho nasceu no século XVII quando ali se estabeleceram muitos refugiados huguenotes fugidos à perseguição a que estavam sujeitos em França. Mais tarde juntou-se-lhes gente de muitos outros países e hoje moram lá franceses, italianos, suíços, gregos, portugueses, espanhóis, turcos e chineses que gozam todos das liberdades e privilégios da vida inglesa. Nesta comunidade cosmopolita predominam os italianos.

Quando vieram para Londres os pais e os avós dos actuais moradores de Soho trouxeram os seus gostos e os seus hábitos culinários e instalaram os seus próprios restaurantes e mercearias. Não tardaram

SOHO

O CÉLEBRE BAIRRO COSMOPOLITA DE LONDRES

os ingleses em visitar estes restaurantes e descobriram que gostavam destas novas iguarias saborosas para variar dos pratos caseiros de cada dia. Foi assim que Soho se transformou, com o tempo, no bairro onde os londrinos vão jantar fora.

Mesmo no terceiro ano de guerra as mercearias de Soho tinham à venda muitos artigos raros. A Italian Produce Company, de Compton Street — o centro de Soho — gaba-se de ser a única fábrica de massas italianas da Inglaterra. Vendem macarrão e também esparguete, salame, queijo parmesão e muitos outros acepipes. Agora estas lojas têm menos a fornecer ao público

mas mesmo assim podem fornecer algumas coisas que não se encontram em mais parte alguma de Londres.

As lojas

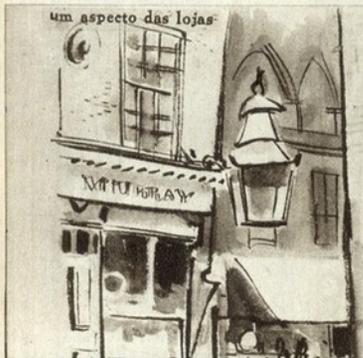
À porta de uma agência de empregos

de vinhos têm ainda à venda vinhos e licores vindos de toda a parte do mundo embora geralmente a preços extremamente elevados. Na maior parte dos casos o seu valor é simplesmente o da raridade mas encontram-se alguns bons vinhos velhos. As lojas de frutas continentais fornecem especialidades a clubes e hotéis célebres. Compra-se em Soho do melhor café que existe em Londres. Os vendedores de jornais e as livrarias, que no geral pertencem a franceses, têm à venda livros e periódicos em muitas línguas diferentes. Existem agências de emprego que se especializam no angariamento de colocação para empregados de escritório e estabelecimentos.

Além de homens e mulheres com nomes estrangeiros que falam as suas próprias línguas, embora há muito estejam naturalizados como súbditos britânicos, vivem em Soho muitos actores, músicos e dançarinas. A gente do teatro descobriu que podia viver com rezoável economia e dispo de mesa boa e variada num bairro que fica apenas a cinco minutos do mundo do teatro de Londres. Por isso se encontram em Soho lojas de especialistas tais como o sapateiro de calçado para bailado, com loja a uma esquina de Compton

(Continua na página 50)

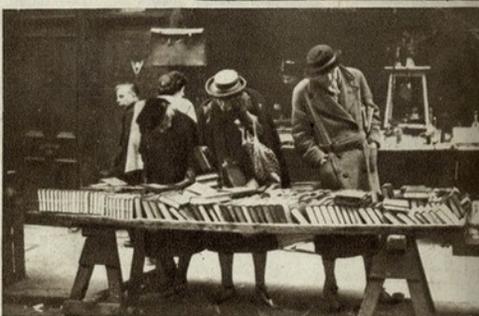
À porta de uma loja de jornais



um aspecto das lojas



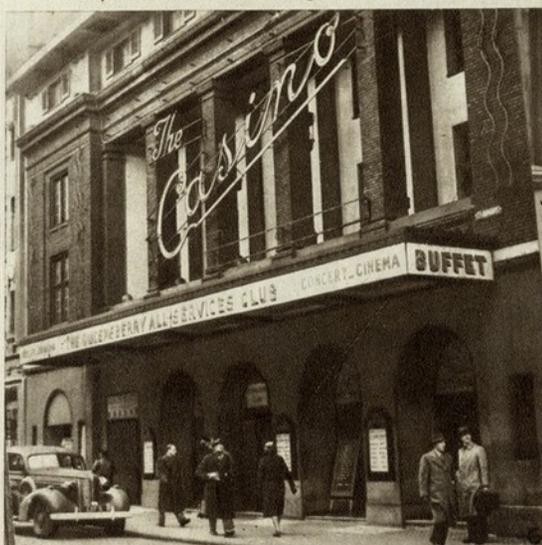
O centro de Soho — cheio de restaurantes e de mercearias, todos com nomes estrangeiros



Livros em segunda mão, em muitas línguas diferentes, estão à venda à porta de um antiquário



A vitrina de uma casa de vinhos



Mercearia argelina onde se compra do melhor café que existe à venda



- 5) — As mercearias de Soho, têm à venda muitos artigos continentais, amiude fabricados na própria casa. Macarrão, esparguete, paprika, massas chinesas semelhantes às «nouilles» francesas
- 6) — O Casino de Londres, em tempos clube nocturno elegante e caro, aberto a todos das Nações Unidas
- 7) — Em Soho é tão frequente ver homens como mulheres a fazer compras



Figuras de Soho



Um soldado austríaco de licença leva a sua dama a almoçar



Soho é muito frequentado pelos franceses. Oficiais daquele país



Os britânicos, bem como este escocês, gosta dos pratos continentais



Outra pinclada de cor, característica de Soho, são os seus músicos ambulantes, como este xilofonista



Uma chinesa vai às compras. Existem vários restaurantes e mercearias chinesas em Soho



Marinheiros franceses colhendo impressões do famoso bairro



Uma impressão de restaurantes

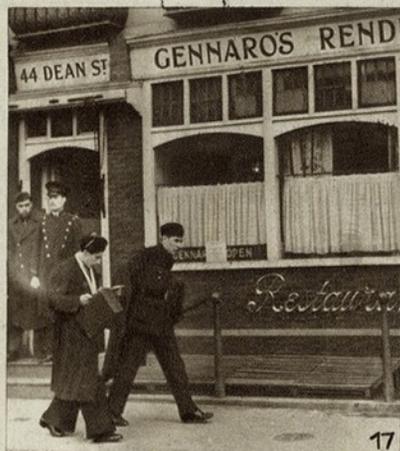


14) — Um conhecido restaurante grego, o «Hellas Rendez-Vous»

15) — O célebre restaurante chinês de Ley-On



16



17



18

16) — Aux Caves da France, conhecida loja de vinhos francesa

17) — O Gennaro, restaurante frequentado pelas forças francesas

18) — Pepe, restaurante espanhol com frequência americana

MAGINA FEMININA

de AURORA JARDIM

Lantejoilas

Estão na moda há muito tempo — e continuam.

Podem aplicar-se de vários modos:

— Executar o vestido e, depois de pronto, bordar pequenos laços acompanhados por *soutache* ou veludo em igual desenho.

— Fazer um bolero intelramente palhetado que servirá para várias *toilettes*.

— Para pessoa magrinha: *corselet* que vá do seio à anca em quadriculado brilhante.

— Punhos que cheguem ao cotovêlo.

— Cabeção.

— *Empiècement* em quadrado.

— Barra e alças em vestido de noite.

— Chapéu pequenino (solideo) e saca para teatro ou ceia.

— Gola e punhos em vestido que faz *toilette* pelo tecido mas é feito «camiseiro».

— Corpo em riscas horizontais. Saia lisa.

— Guarnição de cabelo.

Respostas e perguntas que poderiam ser feitas

— Quer evitar a barbela, o duplo queixo?

Diga dez vezes *sim-sim* com o

afirmativo e vinte vezes *não-não* com o negativo.

— Quer rejuvenescer de repente?

Fude de penteado.

— O seu marido já não quer esse fato?

Deixe-o à sua modista que, com êle, fará um casaco para si. Pode ser com saia de xadrez.

— Aborrece-a fazer os dez minutos de ginástica obrigatória todas as manhãs?

— Abra o rádio e regule os exercícios pela música. Juntará o útil ao agradável.

— Pode comprar seda natural? Então deixe a modista que dura menos e cal pior. Vamos dilhe como escolher.

— E' gorda? — Prefira tons escuros e, sobretudo, o preto.

— E' magra? — Tons claros, riscas horizontais e quadrados grandes.

— E' baixa? — Evite a saia curta demasiado curta.

— E' muito alta? — Nada de riscas verticais e tons berrantes. Chapéus de aba. Saltos cômodos.

cores que não ligam mal:

— Não ligam mal dentro da ética da moda de hoje, pois ontem seriam consideradas algumas das combinações — como do pior gosto...

— *Verde e branco* — *Roxo, cinzento e verde* — *Amarelo e rosa* — *Castanho e jade* — *Castanho e verde* — *Rosa e azul* — *Violino, branco e cereja* — *Amarelo e verde* — *Beige e roxo*.



— Vestido quentinho que dirá um casaco meia-estação. Ótimo para as tardes frias



— Este chapéu é já para a próxima Primavera — que já não vem longe. Pois se até já chegaram as primeiras andorinhas

— Quer rejuvenescer de repente?

Fude de penteado.

— O seu marido já não quer esse fato?

Deixe-o à sua modista que, com êle, fará um casaco para si. Pode ser com saia de xadrez.

— Aborrece-a fazer os dez minutos de ginástica obrigatória todas as manhãs?

— Abra o rádio e regule os exercícios pela música. Juntará o útil ao agradável.

— Pode comprar seda natural? Então deixe a modista que dura menos e cal pior. Vamos dilhe como escolher.

— E' gorda? — Prefira tons escuros e, sobretudo, o preto.

— E' magra? — Tons claros, riscas horizontais e quadrados grandes.

— E' baixa? — Evite a saia curta demasiado curta.

— E' muito alta? — Nada de riscas verticais e tons berrantes. Chapéus de aba. Saltos cômodos.

cores que não ligam mal:

— Não ligam mal dentro da ética da moda de hoje, pois ontem seriam consideradas algumas das combinações — como do pior gosto...

— *Verde e branco* — *Roxo, cinzento e verde* — *Amarelo e rosa* — *Castanho e jade* — *Castanho e verde* — *Rosa e azul* — *Violino, branco e cereja* — *Amarelo e verde* — *Beige e roxo*.



— Apresenta a mais rica coleção de peles importadas, directamente, dos países de origem, a preços sem competêncianos seus estabelecimentos

— RUA DO CARMO, 29-30
— RUA DA PALMA, 117-121

— TELEFONE P. B. X.
— 2 0 7 8 4

— LISBOA

ORDADOS E ALTA COSTURA

—
—
INVERNO 1945/46
—
—

— Rua dos Sapateiros, 139-3.º D.º — Telefone 2 3754
— LISBOA

AS ESTRELAS DO MAR

ENGANARAM LUFTWAFFE

JÁ ouviram falar nas «Estrélas do Mar»? Claro está que se pode encontrar uma descrição delas num compêndio elementar de zoologia, mas as «Estrélas do Mar» a que nos referimos não são de natureza zoológica; trata-se de «Estrélas do Mar» criadas pela Real Fôrça Aérea, as quais fizeram parte de um sistema muito bem pensado de alvos simulados empregados para enganar a Luftwaffe.

Segundo um relatório oficial publicado, recentemente, na Grã-Bretanha, calcula-se que com o uso destes alvos simulados se salvaram 2.500 pessoas da morte e 3.000 de ferimentos graves, além de muitos edifícios industriais, no valor de muitos esterlinos, e outros de estragos muito sérios.

Centros industriais simulados

Usaram-se alvos simulados de duas naturezas: militares e industriais. Serviram para o fim de camuflagem indirecta e enganaram os bombardeiros alemães. Com a imitação de diversas formas de iluminação, inevitável mesmo durante o mais estrito obscurecimento, simularam-se estaleiros, parques ferroviários, fábricas, altos fornos e aeródromos, atraindo assim os ataques que teriam sido dirigidos a alvos reais existentes nas vizinhanças.

Ao todo, os aeródromos simulados foram objecto de 443 ataques aéreos dos alemães, em comparação com 434 aos aeródromos propriamente ditos. Daqui se pode chegar à conclusão de que, sem estes alvos simulados, os aeródromos da Real Fôrça Aérea teriam sido alvo do dôbro dos ataques.

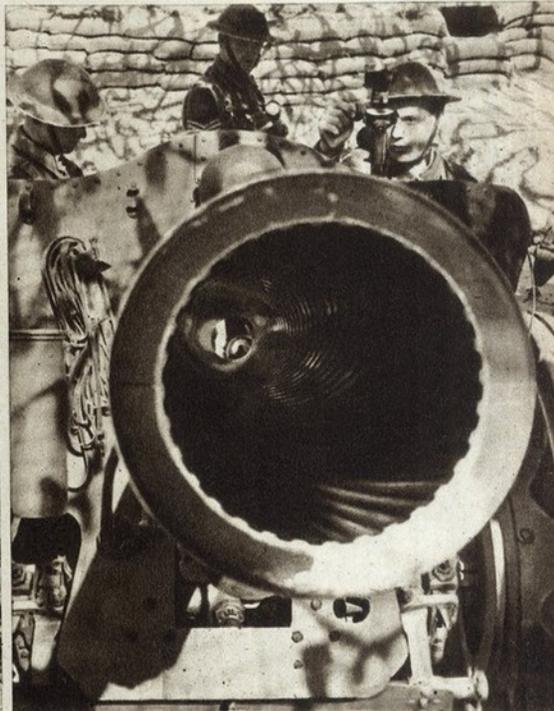
(Continua na pág. 30)



A camuflagem de um posto de artilharia de campanha. É de noite e nem o fogo do canhão o denuncia à aviação inimiga



As caprichosas redes tornam completamente invisíveis a quem observar do ar movimentos que se fazem sob elas



Uma poderosa peça que o inimigo nunca descobriu

O SORRISO DO BUDA

SORRIU sempre. É um sorriso amplo e nos olhos pequeninos do oriental há uma confiança ilimitada que se vê para além de todos os horizontes. Sorriu sempre, mesmo quando os japoneses massacravam gente indefesa, lá fora, na rua. Ficou sempre imperturbável, com o seu sorriso aberto. Ele sabia que os britânicos haviam de chegar — os libertadores que olham, agora, com o mesmo sorriso amplo e confiante. Burma foi libertada



OS JARDINS RURAIS DA INGLATERRA

pelo Dr. HARRY ROBERTS

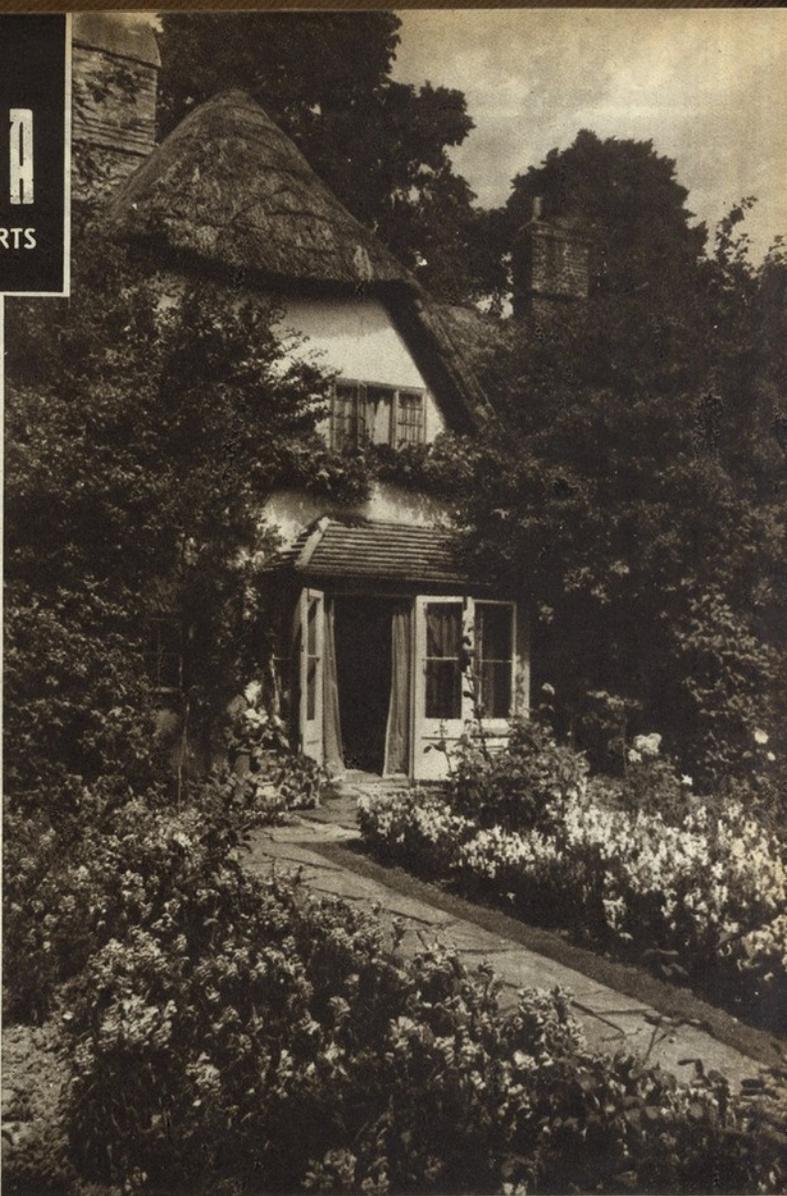
DESDE a minha mais tenra infância — passei-a por volta de 1680 numa aldeia isolada do condado de Somerset—interessei-me sempre pela jardinagem e deu-me sempre imenso prazer observar os jardins dos outros, sobretudo os modestos jardinzinhos rústicos das casinhas de camponeses cobertas de colmo e das pequenas casas de campo.

Um traço característico do inglês é o seu amor aos jardins e à jardinagem. Na Inglaterra o aldeão e o cidadão têm o mesmo gosto vivo pelas flôres. Na verdade, é comovente ver persistir tal amor pelas flôres mesmo nas ruazinhas desviadas das cidades, onde canteiros e arbustos floridos embelezam estreitos pátios nas trazeiras das casas, onde caixas com flôres nos parapeitos das janelas alegram a vista do transeunte.

O escritor Worlidge, a propósito d'êste traço característico dos ingleses, observou no século XVII: «Nas regiões do sul de Inglaterra não há por assim dizer túrgulo que não tenha o seu jardim tal é o prazer que dá aos habitantes». Qual é o cidadão, divagando por uma das numerosas e lindas aldeias do sudoeste da Inglaterra, que possa ficar indiferente à vista dos jardinzinhos situados à frente ou ao lado das casinhas de campo, à beira da estrada? O que torna êstes jardins tão comoventes? É evidentemente o encanto que lhe diz o indivíduo, a escolha feliz dos arbustos e das flôres e os cuidados minuciosos com que são tratados.

O inglês que regressa de terras estrangeiras, de paisagens grandiosas, pitorescos ou românticas, olha pelas

(Continua na página seguinte)



Um pequeno jardim britânico como se vêem tantos, com os seus canteiros cheios de flores variadas, o seu caminho lajeado e as trepadeiras que revestem a parede da casa, e emolduram as janelas

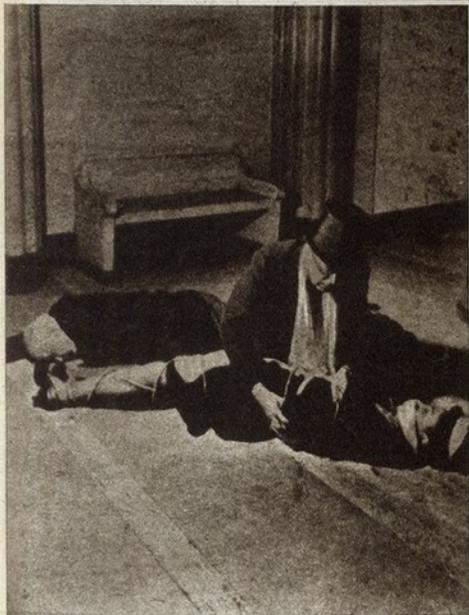


Êste pequeno jardim rural inglês é notável pela profusão e diversidade vistosa das suas plantas e flores

Um dos muitos jardinzinhos que se vêem à beira das estradas. Plantas silvestres enfeitam o velho muro atrás do qual está a pequena horta

FOTO-CRIME

FALSAS DECLARAÇÕES



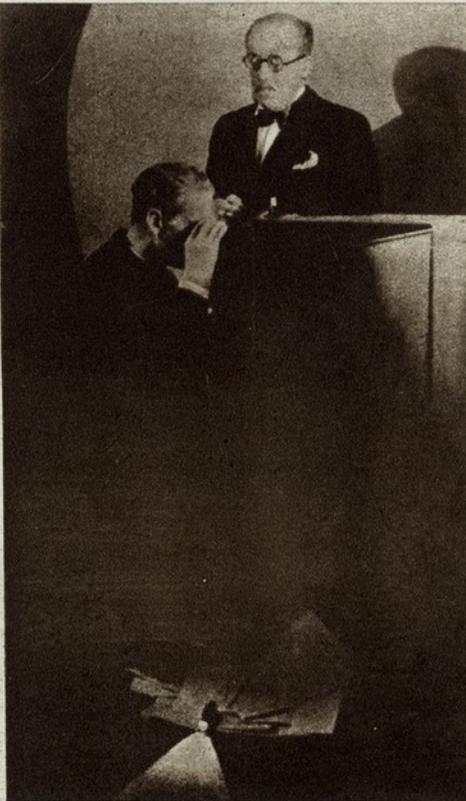
PRENDERGAST PARRY, conhecido joalheiro, ficou extremamente surpreendido quando uma noite, ao regressar a casa, encontrou os seus criados — ela amordaçada e amarrada como um fardo, ele morto com uma bala que lhe atravessara o coração. Rapidamente libertou a rapariga e telefonou para a Polícia.



O inspector Foster chegou dez minutos depois e imediatamente ouviu a criada. — Faltavam poucos minutos para as sete quando entrei no escritório. Junto do cofre forte estavam dois homens mascarados que tentavam abri-lo. Gritei e corri ao mesmo tempo para o hall.



UM dos homens veio em minha perseguição, agarrou-me o pulso e torceu-o. Quando o mordomo entrou no hall chegou outro homem, com um lenço a tapar a cara e fez fogo sobre ele. Ataram-me muito bem e minutos depois senti-os sair pela porta das trazeiras.



ENQUANTO o inspector procurava impressões digitais no cofre, Parry disse tristemente: — Tinha uma dúzia de esmeraldas muito raras que valiam mais de dez mil libras esterlinas. Foram-se! — Não se preocupe — respondeu-lhe o inspector. — Elas voltarão à sua posse. A sua criada está envolvida no caso.

PORQUÊ?

(Ver a solução na página 30)

OS JARDINS RURAIS

(Continuação da página anterior)

janelas do combóio ou do automóvel em que viaja e vê, durante a primavera ou durante o verão, os jardins das casinhas de campo cheios de flores familiares de cores vivas, no inverno, todas arranjadinhas com as suas sebes talhadas e a sua horta.

É que estes jardins rurais, assim como as sebes, são característicos da Inglaterra. O jardim inglês é uma instituição de que se fala em toda a longa história da Inglaterra, desde as moitas verdejantes cantadas por Chaucer até às exposições hortícolas de aldeia dos nossos dias.

Cowley, no preâmbulo do seu poema «O Jardim», exprime o desejo comum da grande maioria dos seus compatriotas ao escrever: Nunca senti desejo tão intenso, semelhante à inveja, como o que sempre tive de possuir enfim uma casinha com um grande jardim, à parte das outras facilidades razoáveis. Os inquéritos mais recentes efectuados para averiguar os desejos da população inglesa revelaram que, em matéria de alojamento, os ingleses, em globo, desejam ter uma casinha independente com um jardim. Pode ver-se por toda a parte na Inglaterra, à beira das estradas, escondidos nas clareiras, agarrados aos flancos das colinas bravias varridas pelos ventos ou nos vales profundos perto das costas escarpadas, jardins de todas as espécies e de todas as dimensões.

Estes jardins são de todas as espécies porque não se conformam com uma moda uniforme, mas exprimem os gostos e as necessidades dos respectivos proprietários. Se alguma coisa têm de comum é a sua simplicidade e a sua intimidade. Diz-se do pequeno jardim rústico que, se ele existe, é por causa da necessidade de beleza que sentem mesmo as criaturas mais humildes.

«Os seus caminhos estão cobertos de musgo, não têm a camada imaculada de saibro que os proprietários dos grandes solares mandam espalhar nas avenidas das suas quintas e nos caminhos sinuosos dos seus jardins. As roseiras e as trepadeiras adornam naturalmente o pórtico e o beiral do telhado sem que o seu crescimento seja continuamente perturbado pelo feitor exacto munido de pregos e de cordéis.» «Não é de uso neles a transplantação de flores tiradas de vasos. Pelo contrário os canteiros estão cheios de belas e boas plantas anuais que florescem segundo as estações e cada uma na época própria. Quando vem o outono o chão fica coberto de folhas mortas e de pétalas de todas as cores, vermelhas, da cor do âmbar, castanhas e da cor do ouro. Ninguém pensa em varrê-las; folhas e pétalas misturam-se com a terra para formar um húmus que alimenta as plantas de onde calram. Dá-se aqui, melhor do que em qualquer outra parte, um pouco de mistério sem o qual o amor dos jardins não poderia

(Continua na página 29)



ANTUNES DA SILVA

“GAIMIRRA,”

um livro de contos
de Antunes da Silva

ANTUNES DA SILVA, o escritor eborense apaixonado da terra alentejana, publicou, agora, numa cuidada edição de «Inquérito», um tomo de contos, «Gaimirra» a que a primeira produção deu o título.

Obra em que perpassam numa rajada forte de vida o tumulto que agita o coração de gente pobre, com suas tragédias e raras ilusões; as suas angústias e desejos incoitados. Este livro é um vibrante documento da existência dos deserdados.

Antunes da Silva, soube imprimir à sua arte um poder de verdade que é, de certo, filho da sua observação.

Não é, entre nós, o conto a expressão literária mais fácil de realização nem tampouco são, actualmente, muitos os escritores que podem receber o nome de contistas. O autor de «Gaimirra», revela-se no género expressiva personalidade. Os seus contos parecem abedecer às exigências que tornam essa maneira literária nem sempre fácil de realização formal.

A simplicidade posta no desenho moral das personagens é, neste escritor, pouco vulgar. Com efeito, as figuras a que a sua arte deu vida, têm razões para ser assim: isto é, são seres «vivos» que agem, com verdade, sem artifício, no meio físico e moral em que as suas almas se formaram. Tudo aquilo é humilde, por vezes com rastros sombrios de tristeza, tal a vida dos que sofrem e labutam pelo pão merecido. Mas a existência é assim: mais inquietação do que tranquilidade. Daí notar-se no relato de algumas páginas de Antunes da Silva um sentimento perscrutador de almas sofredoras.

Filho, o maior cronista da terra alentejana, devia ser decorado pelos novos escritores. Não por espírito emittativo mas para nos seus contos, nas suas crónicas, na vida do homem da estepe, mergulharem os sentidos na embriaguez sublime de encontrar nos seus ceifeiros e cavadores a alma que vive oculta na planície escaldante de um céu em fogo.

Quem sabe se certa hipótese terá sido, em horas tristes, um dos maiores alívios do escritor de «Gaimirra»?

Sugeriu-nos esta suposição a leitura de «Quando a planície fala», página magnífica em que Antunes da Silva, numa sentida exaltação, louva num hino o mistério contido na planície.

Antunes da Silva revela-se neste seu livro um prosador de quem muito há a esperar.

E' já cansada a frase; no entanto, ela diverge segundo a sinceridade com que é escrita.

ONTEM E HOJE

DOR AUGUSTO RICARDO

CERTAS FRASES PROFUNDAS...

DE quando em quando, e em diferentes épocas, aparecem várias designações de arte, de estética, de filosofia, de sociologia, que provocam o repúdio ou o assombro das gerações contemporâneas. Muitas dessas doutrinas merecem comentário elogioso ou indiferença crítica. Outras, porém, ficam sempre esquecidas, visto que da sua essência apenas se aproveitam a parcela de charlatanismo e a dose de inconsciência que, como tôdas as coisas insinceras, terminam no ridículo ou no esquecimento.

Surgiu agora em França uma teoria filosófica chamada «Existencialismo», que, aliás, como tôdas as originalidades, tem merecido acerbos reparos críticos. Segundo jornais parisienses a nova teoria multiplica-se como erva em jardim abandonado.

Mas em que consiste a teoria? Interrogar-se. Não podemos elucidar o hipotético inquiridor; pois alguns pensadores a julgaram incompreensível. Todavia, se o leitor é dado a jogos de cábala talvez possa deduzir qualquer coisa depois de aturada meditação.

Um dos conceitos da tal doutrina é como segue. E diga-se de passagem, só por deficiência mental não se achará clara a sua intenção. Resa assim:

«A consciência é um ser para o qual é motivo do seu ser, contanto que este ser se envolva num outro ser que não seja ele».

Tudo isto parecerá muito profundo às pessoas que vêem genialidade naquilo que não entendem. Dêste facto resultam muitas coisas que passam a ser moda e tomam ares muito graves.

Essas pessoas, porém, nem sequer supõem que os fazedores de diálatas estiveram a trocar com elas. De tais inovadores nem ao menos restarão os ecos da publicidade. Os génios de momento têm sempre uma preocupação: revelar na vacuidade das frases o mistério do que é incompreensível. Habitualmente, os cretinos quando nada têm a dizer dizem muitas coisas.

Já Camilo dava a determinado indivíduo que o interrogava acerca da redacção de certo escrito o seguinte conselho: — Olhe escreva de maneira que ninguém perceba. Isso às vezes também dá celebridade.

“Iniciação tauromáquica”

de Saraiva Lima

TÔDAS as artes, idéas, ciências, têm a sua iniciação. Não sabemos, no entanto, em que actividade do espírito devemos incluir a tauromaquia. Que é uma arte parece estar provado. Pelo menos assim é classificada pelos seus adeptos. Arte, todavia, de difícil prática dada a dureza dos meios.

Se Fauguet, Flammarrion, Darzens, Laisant, Brucker, escreveram, respectivamente, «Iniciação filosófica», «Iniciação astronómica», «Iniciação química» e «Iniciação Zoológica», é a todo o ponto justo que Saraiva Lima, escritor de clara exposição literária, especializado em assuntos que dizem respeito ao divertimento tauromáquico, nos enumere, com profundo conhecimento do assunto versado, definições, princípios, preceitos e práticas da arte de tourear.

Não obstante sermos profanos em matéria e espírito contidos no livro do ilustre escritor, devemos reconhecer que a seu trabalho prende pela diversidade de temas e, antes de tudo, pelo brilho da sua expressão formal. Todos os assuntos podem conter interesse, mesmos os mais alheios à nossa inteligência, desde que o escritor ponha na sua arte aquela porção de beleza que distingue as boas obras escritas.

E' este o caso do livro de Saraiva Lima. A sua leitura não interessará, porventura, a todos os leitores; mas todos os leitores sentirão prazer de espírito se se absorverem na leitura de um livro literariamente bem escrito, o que, aliás, é timbre de Saraiva Lima.

“Eça de Queirós visto por um argentino”

de António J. Bucich

CONTINUANDO na publicação de estudos e críticas a Livraria Figueirinhas, do Porto, editou há pouco mais um valioso juízo crítico acerca da personalidade literária de Eça de Queirós. Subsegue esse trabalho um escritor argentino, António J. Bucich. O referido volume contém um admirável prefácio do professor Fidelino de Figueiredo e é traduzido e anotado com brilho literário e conhecimento do tema versado pela sr.^a D. Ester Rodrigues Amorim de Carvalho.

«Eça de Queirós visto por um argentino» é um livro que se lê com verdadeiro interesse; pois há nele a curiosidade de um julgamento estranho. Neste momento em que tantos escritores portugueses se têm ocupado sob vários aspectos críticos da obra do grande romancista de «O crime do padre Amaro», não é de menor valor o conhecer-se a opinião de um escritor estrangeiro que, através de um perscrutador espírito de análise, nos dá valiosos elementos para juntar à longa bibliografia sobre o romancista.

São sempre de muita utilidade estes estudos que tendem, sob uma justa visão crítica, esclarecer idéas.



Na Índia misteriosa e milenária: uma escola infantil ao ar livre

OS LIVROS DA QUINZENA

“Adolescentes,”

romance de Adolfo Casais Monteiro

ADOLFO CASAIS MONTEIRO, um dos valores positivos da geração dos trinta anos, publicou o seu primeiro romance. Talento original, de um criticismo apurado, o autor deu-nos qualquer coisa de expressão diferente do comum literário. O livro é um estudo sobre «Adolescentes» de uma intensa prospeção psicológica, o qual apesar do seu realismo verídico, tem belas notas de poesia humana — ou Casais Monteiro não fosse *malgré tout*, um lírico permeável à emoção e à sensibilidade. A eflorescência dos sentidos, os devaneios da melancolia da juventude, a graça doente de certas almas, o pudor da mulher que já o sendo, se defende do seu verdadeiro amor, a análise dos sentimentos nos dois séres — e tão difícil é fixar a instantaneidade fugitiva do espírito de uma mulher — tudo isso encontrou em Adolfo Casais Monteiro um exame profundo e penetrante, onde, se pode suspeitar até que entra alguma

coisa de experiência pessoal. E não é defeito, porque o romance é de um exato geométrismo. Editorial Ibérica.

“A Borboleta Azul,”

contos em verso de Lília da Fonseca

A inspiração poética de Lília da Fonseca, cujo nome brilhante já se tornou justamente conhecido, deu-nos agora um lindo livro para crianças, intitulado «Borboleta Azul». É uma mancha de contos, de ritmos suaves e graciosos, daqueles com que os pequerruchos sonham.

Lília da Fonseca, apesar de nova, parece uma avózinha encantadora, que muito viveu, encontrando no seu coração os acentos mais suaves e doces que aliciam a alma das crianças. «A Borboleta Azul» fica esvoaçando de flor em flor, isto é, de cabecinha em cabecinha infantil. Edições Universo.

“A Morte Lenta,”

de Emile Henry

É mais um testemunho irrefragável dos horrores e crueldades cometidos pelos alemães. *Morte Lenta* não é um livro de especulação; é o depoimento de um sobrevivente do terrível campo de prisioneiros de Buchenwald. O autor Emile Henry, francês, nascido em território de Portugal, publica-o pela primeira vez na nossa língua. Não traduz impressões; foi o que lhe viu, o que ele sofreu naquele inferno dantesco narra-do sem exageros retóricos. A verdade nua e crua! É horrível. Os homens reduzidos a animais, as grandes matanças dos detidos, a exiguidade da comida, a arrogância dos carrascos, as experiências científicas, tudo isso é descrito em pormenor. É o facto, e não a apreciação; a visão retrospectiva, e não o efeito literário ou jornalístico. Sabíamos alguma coisa do que se passou nesse campo, mas não sabíamos tudo. E esse tudo, que é atroz, conta-o Emile Henry, na sua «Morte Lenta», — verdadeiras memórias de um ressuscitado. Editorial Ibérica.

O HABITO FICA

(Continuação da página 2)

hesitação no transmissor — está ligada tragicamente a outras noites. Noites em que o programa interrompido assim súbitamente significava as sereias contra os ataques aéreos dai a alguns minutos. Passar do paraíso da música

Especialidade em livros
para escrituração
comercial

PAPELARIA CARLOS

de Carlos Ferreira, L.^{da}

34, RUA DO OURO, 38 — LISBOA

Telefone 20244 — Teleg. PAPELCAR

Grande

sortido de artigos

para desenho e escritório

para o inferno dos explosivos era muitas vezes questão de apenas umas cem voltas do ponteiro dos segundos, e não se pode esquecer facilmente o hábito de correr para os abrigos.

O próprio som das sereias está ainda no ouvido de milhares de britânicos, a todas as horas do dia e da noite.

É verdade que se não ouve já o lamento dos componentes do «cão do diabo», embora ainda se encontrem encarrapitados no cimo de vários edifícios, mas a cada travagem súbita de um automóvel ou ao resvalar de um auto-bus, é certo que há alguém que ainda diz, inconsciente e talvez com indiferença: «Ai vêm». Porém num segundo, sem dúvida, essa pessoa enfureceu-se consigo própria por ver como o tempo a apanhou desprevenida, mas naquela fracção de segundo antes de se aperceber disso viveu mais uma vez uma centena de noites do tempo em que a vida não se levava a brincar.

Infelizmente, de todas as pseudo-sereias que tenho ouvido até aqui, nenhuma ainda me trouxe à ideia a melodia mais adorável em todo o mundo do som — a nota longa, demorada de «Passou o Perigo!»

«Um dos nossos»

O barulho dos aviões não causa as mesmas recordações do tempo de guerra como o dos trovões dos carros e auto-buses. Isto provavelmente

Há a ocultação de luzes, por exemplo: o povo da Grã-Bretanha não está ainda inteiramente acostumado ao «lights up» (acender as luzes). Durante os longos anos de guerra nunca se via uma fresta de luz nos milhões de janelas senão por engano; mesmo até um cigarro era aceso de noite na rua com os olhos postos no Guarda contra os Ataques Aéreos ou num funcionário da Guarda Metropolitana porque, para o fim da guerra, na Grã-Bretanha tínhamos a certeza de que qualquer avião que sentíssemos era «um dos nossos».

As únicas asas inimigas durante esse período foram as bombas voadoras, e o som destas nunca poderia ser tomado pelo de um avião vulgar. Havia uma inescusável ameaça de mal no barulho de uma a aproximar-se — um ruído profundo, monótono, aumentando à medida que se aproximava e finalmente desafiando-nos irónicamente ao passar mesmo por cima das nossas cabeças e deter-se de repente em silêncio ao parar o motor... Depois, a explosão.

Felizmente não há nenhuma modalidade no tráfico do tempo de paz que tenha o som da bomba voadora; se assim fosse, se um som tão sinistro se ouvisse por acaso, é certo que a opinião pública — e os músculos — depressa acabariam com ele. No entanto, não é apenas por intermédio dos sons que os velhos hábitos de guerra voltam por momentos.

Sem água
Sem demora
A INDIGESTÃO
Vai-se embora!



UMA DOR 2 RENNIES UM SORRISO

Quando a indigestão lhe dá a «ca» cada no estômago e lhe aperta o coração, quer alívio — e quer-os de pressa! Pode estar a quilómetros de distância de casa e, certamente, não sentirá vontade de sofrer até lá chegar.

Pois, na verdade, não necessita de sofrer tanto. Bastará meter a mão na algibeira do colete ou na malinha de mão, se tiver tido o cuidado de ler ter metido algumas pastilhas de Rennie, que são embrulhadas em separado, para assim poderem ser transportadas. Chupe duas, uma a seguir a outra. Em poucos minutos as Rennies terão neutralizado o excesso de ácido do estômago, causa da indigestão!

Nem demoras, nem coléres, nem copo de água. Sem mesmo dar pontal, as dores do estômago, a sensação de queimadura terão desaparecido. Voltará a estar senhor de si. Compre um pacote na sua farmácia, ainda hoje.



O HABITO FICA

(Continuação da pág. anterior)

que estava em toda a parte onde o invasor pudesse pôr o pé.

A passagem de tão severa escuridão para as janelas iluminadas do tempo de paz foi um grande salto! Por isso não é de admirar que hoje um homem, especialmente que tivesse pertencido à Guarda Metropolitana ou à Defesa Civil, tenha o impulso momentâneo de «averiguar» quando de repente se acendem luzes. É claro, nunca chega até à porta do «culpado», mas — o hábito fica.

Há mais hábitos herdados do tempo de guerra, mais especializados do que os originados pelas sereias, rádio e luzes. O meu trabalho por exemplo compreende a leitura de documentos referentes a barcos e à profissão marítima. Durante a guerra habituei-me completamente a eliminar os poucos nomes de navios ou portos que conseguiram aparecer em tais documentos — por razões evidentes. Contudo, ago-

ra que terminou a censura de segurança, posso — isto é, devo — deixar passar para publicação os nomes das unidades oceânicas da Grã-Bretanha.

Mas embora sabendo isto tenho muitas vezes de me lembrar que não devo aplicar o lápis da censura quando vejo o nome de um navio. Ainda não me habituei completamente à idéia de que, se por exemplo autorizo — como aconteceu ainda não há muito — a saída do «Queen Mary» ou do «Queen Elisabeth» de Southampton, por escrito ou pela rádio, não estou a pôr em perigo as vidas de milhares de soldados americanos.

Os hábitos antigos levam tempo a perder-se, e o homem ainda conserva alguns que datam do tempo em que ainda não era, segundo os antropologistas, inteiramente homem. A melhor maneira de perder um velho *mau* hábito é substituí-lo por um novo bom hábito.

Um laboratório de civismo

(Continuação da pág. 13)

caiem debaixo da alçada deste Ministério e tais sociedades abrangem grande variedade de interesses — históricos, líricos, livrescos e manuais.

A higiene escolar compete ao Ministério da Saúde. Faz parte das suas obrigações velar pela limpeza escrupulosa de lavabos, vestiários, corredores e aulas. Está especialmente atarefado por ocasião das inspeções médicas, quando tem de preparar a sala das consultas, de receber o médico e a enfermeira, de olhar pela entrada na devida ordem das crianças e de receber com cortezia e hospitalidade os pais que visitem a escola.

O Ministério da Agricultura é um dos mais activos. A escola dá facilidades especiais aos seus alunos rurais, para estudarem a agricultura. Combinou com os agricultores locais visitas e conferências nas suas herdades. Antes da guerra estes rapazes tinham a sua própria herdade, em miniatura, e chegavam a mandar gado e produtos hortícolas às exposições. Todas estas actividades são orientadas e superiormente pelo Ministro da Agricultura, que organiza também o Clube dos Jovens

Agricultores, trata das máquinas e alfaias precisas para as actividades na herdade da escola e colige a literatura publicada pelo Ministério Nacional da Agricultura.

Graças a estas funções múltiplas os alunos aprendem não só a arte do governo autónomo como o funcionamento de instituições democráticas numa comunidade maior, como bons cidadãos de uma grande democracia.

OS JARDINS RURAIS

(Continuação da página 26)

ter sobrevivido séculos inteiros.»

A falar verdade o encanto especial do pequeno jardim rural provem em grande parte de ser ele tratado pelo seu proprietário. Ninguém se especializa e ninguém procura dar na vista. Amam-se as plantas e as flores por elas mesmas, pelas suas próprias qualidades e, como no geral esses proprietários não dispõem de muito dinheiro para a compra de variedades novas e caras, as flores dos canteiros são a maior parte das vezes velhos amigos que medram naquela terra e naquele ambiente. Tem-se a impressão de que plantas e flores são felizes naqueles jardinsinhos.

O poeta Alexandre Pope, a propósito dos jardins ingleses, exprimiu este sentimento no seu estilo eloquente: «Há na graciosa simplicidade da natureza, — escreveu ele — qualquer coisa que enche a alma de serena quietude e de um nobre contentamento melhor do que o fariam os cenários mais requintados. Era este o gosto dos antigos pela jardinagem: como o podemos verificar lendo as descrições de outroras». Esta observação é ainda verdadeira nos nossos dias no que se refere ao jardim dos modestos jardins rurais.

LING-CHONG

(Continuação da página 11)



Ling-Chong no momento culminante do seu trabalho de levitação

comediante, que ligou o seu nome a impecáveis interpretação histriónicas.

Recentemente exhibe-se no Maria Vitória mostrando a sua estranha arte de sortilégio.

Foi ao mistério da sua arte a

que no princípio deste artigo nos referimos com sem que de mistério. Facto que, também, pode conter magia, visto a ele nos referirmos, misteriosamente em prosa comezinha e despida de encantamento.

Seja prático e económico

viaje na



Informações:

em todas as estações da C. P. em Lisboa: — no Serv. do Tráfego — Telef. 2 4021 no Porto: — na estação de S. Bento — Telef. 1 722

À noite tudo dorme em si:



o coração, o espírito, a vida. Mas a pele do seu rosto permanece acordada trabalhando silenciosamente para a sua incessante perfeição graças ao

CREME NIVEA

que continua a exercer sobre ela a sua influencia salvadora em quanto se está entregue às doçuras do sono...

Preço desde 200\$00

Depositar: Pestana, Branco & Fernandes, Lda., 39, R. do Sapateiros, 10, Lisboa



AS ESTRELAS DO MAR

(Continuação da página 23)

Claro está que pouco se podia fazer depois dos pilotos alemães terem descoberto e lançado o fogo a uma cidade, como sucedeu no caso de Coventry, mas muitas vezes foi possível desviar os ataques, fazendo funcionar as «Estrélas do Mar» ao aproximarem-se os aviões inimigos.

Usando três tipos diferentes de material inflamável, podia-se simular muito bem os resultados de um bombardeamento numa cidade. As «Estrélas do Mar» funcionavam electricamente. As primeiras foram utilizadas em Dezembro de 1940 e, até ao fim da segunda Guerra Mundial, tinham desviado mais de cem ataques dos alvos verdadeiros.

Quatro baixas

Não era fácil construir alvos simulados pois, para serem eficazes, tinham de ser montados muito perto dos alvos verdadeiros. Não obstante, foram construídos sem risco indevido para as povoações, casas isoladas, etc., pelo que houve apenas quatro baixas em resultado de 730 ataques a alvos simulados.

Examinemos, mais detidamente, este número de «730». Quere isto dizer, na realidade, que durante dois anos inteiros, todas as noites foi atacado um alvo simulado, em vez do alvo verdadeiro. Calcula-se que milhares de bombas alemãs, perfazendo pelo menos 5 por cento do total de bombas lançadas, caíram em alvos simulados, tendo explodido sem fazer mal nenhum. Muitas vezes, os civis britânicos que liam no seu jornal o comunicado alemão do ataque, pelos alemães chamado bem sucedido, não podiam deixar de se rir. Lembravam-se perfeitamente que na noite referida tinham soado as sirenes de alarme, mas não tinham caído bombas nenhuma.

O guarda do Serviço de Defesa Passiva Anti-Aérea, que estava postado no telhado,

não podia compreender a razão porque os bombardeiros alemães, depois de voarem por cima do alvo que valia a pena atacar, lançavam as suas bombas explosivas e incendiárias nos campos circundantes. A explicação é que o guarda nada sabia a respeito do alvo simulado próximo, que tinha enganado os pilotos alemães. Ninguém sabia a mínima coisa a respeito deles, excepto o pessoal que os fazia funcionar e alguns funcionários de categoria do Serviço de Defesa Passiva Anti-Aérea da Grã-Bretanha.

Foi inaugurado o sistema de alvos simulados quando, no princípio da segunda Guerra Mundial, a Real Força Aérea construiu falsos aeródromos para desviar os ataques dos aeródromos verdadeiros. Para isso destruiu sebes, construiu pistas simuladas e estradas em que estavam postados aviões de madeira que se pareciam exactamente com os verdadeiros. Durante os ataques à Grã-Bretanha estes aeródromos simulados fantásticos foram alvo de 36 ataques.

Fábricas simuladas

Os centros de produção aeronáutica foram protegidos com a construção de quatro fábricas simuladas, completas com pistas de decolagem e aterragem em volta e até chaminés que deitavam fumo!

Para evitar o risco de pilotos britânicos aterrarem em pistas simuladas, arranjaram-se diferenciais de iluminação. As pistas simuladas nunca enganaram qualquer piloto britânico.

Obteve-se mais êxito com as «Estrélas do Mar» próximo de alvos mais pequenos. Além destes alvos simulados que desviaram ataques de bombardeiros a Londres e Birmingham, obtiveram-se também os melhores resultados em Bristol e por meio de navios simulados em Plymouth, Portsmouth e no rio Humber. Em Cardiff, só num ataque noturno, uma «Estréla do Mar» apanhou nada menos de 150 bombas.

Construiu-se um total de 500 alvos simulados; claro está que eles não estavam espalhadas por toda a Grã-Bretanha, mas muitos alvos de importância capital nunca foram atacados à bomba, ao passo que os simulados anexos o foram repetidas vezes.

Como é natural, os alemães sabiam da existência dos alvos simulados britânicos, mas este conhecimento, por si só, não lhes valeu de muito. Eles desafiavam toda a identificação. Mesmo que um avião de reconhecimento pudesse reconhecer um ou outro durante o dia, os bombardeiros achavam-se completamente impotentes para os descobrir durante a noite.

European Correspondents

UMA NOVA RAÇA

(Continuação da página 16)

segue sêr... o que não é. Pinta-se, modela-se, alteia-se, engorda ou emmagrece, conforme quere, e até, nós que o digamos, com certo abuso de galanteria. Mas disto não vem mal ao mundo! Pelo contrário, a fascinação tem os seus direitos com tanto que cumpra os seus deveres.

O caso sujeito, porém, é diferente. Não se trata, propriamente, de *glamour*, de falsas pestanas sedosas e compridas em quem não tem cílios, nem de morenas que aparecem loiras, e vice-versa, aos caprichos da moda mais aligeira que uma ventoinha.

Uma nova raça parece ter nascido no Oriente, da mistura do sangue asiático e branco, nas grandes cidades cosmopolitas de Hong-Kong, Changai, Singapura, Manilla e, mesmo, na América.

Não é possível ainda fixar, precisamente, as características antropológicas. No entanto, parece que os corpos são mais esbeltos, as fisionomias mais amplas, de linhas mais enérgicas, apresentando uma grande variedade de tonalidades de epiderme, desde o dourado batido ou vermelho do cobre, e por vezes, mesmo, aquela palidez que não é branquidão, mas tom macio e pulido de madrepérola nacarada.

A nova raça tem todas as condições exigidas pela eugénia. Segundo dizem os sábios as mulheres são lindíssimas, duma esplendorosa beleza, à espera de mestres pintores que fixem todo o seu deslumbramento! Os franceses diriam: *eclat!* Outros tipos inéditos de graça feminina surgem nos Estados Unidos, na múltiplice simbiose das raças, entre as quais figura uma deliciosa portuguesa.

Os fusileiros Inniskilling

(Continuação da página 18)

tiveram que suportar um pesado ataque alemão na qual resistiram com tanta resolução e habilidade que o inimigo ficou destruído.

Para a invasão da Sicília, o marechal de campo Montgomery deu aos Reais Fusileiros Inniskilling a honra suprema de serem as primeiras tropas de todos os exércitos aliados a desembarcar no continente europeu.

A redacção da ordem do dia relativa a essa operação encheu de entusiasmo os homens já ansiosos pelo assalto. Dizia: «Intenção — os Inniskillings, como parte de... invadirão a Itália.» O comandante em chefe não albergava no seu espírito qualquer dúvida de que êsses temíveis irlandeses levassem a cabo a difícil tarefa que lhes fôra destinada.

Os Inniskillings pertenciam ao famoso 8.º Exército e os serviços brilhantes que prestaram na Itália ajudaram a consolidar, em novo campo de batalha, a fama que êsse Exército já ganhara.

Apesar do regimento ter sido terrivelmente martelado por vezes, a sua moral e o seu espírito combativo foram sempre de primeira classe. Mesmo os feridos pediam aos médicos que «lhes pusessem depressa uns remédios» porque tinham «uma entrevista urgente marcada com o boche», provando assim as excelentes qualidades marciais pelas quais os Inniskillings foram sempre famosos.

SOHO

(Continuação da página 20)

Street. A guerra trouxe a Londres soldados de todas as Nações Unidas que em Soho encontraram a culinária dos seus próprios países e gente que falava a sua própria língua. De uma maneira diferente a guerra chamou a atenção de um número muito maior de pessoas para o bairro de Soho. Em resultado do racionamento os ingleses aprenderam a utilizar muito melhor os viveres disponíveis e os pratos estrangeiros têm estado a penetrar, via Soho, nas cozinhas de muitas donas de casa.

Os ingleses em Berlim

(Continuação da página 8)

minio mundial. Se a nova geração aceitar êstes princípios, é possível que a Alemanha renasça, como um elemento útil da civilização, para a comunidade das nações.

Mas, por enquanto, ainda é muito cedo. Entre os campos de concentração de Belsen e Buchenwald e os bancos do tribunal de Nuremberg, o terceiro Reich escreveu uma dramática sentença condenatória. Não é, sem razão, que Churchill defende a divisão da Alemanha, ou antes, o regresso histórico à independência dos pequenos povos que, embora falando a mesma língua, tem características originais.

A SOLUÇÃO DE FOTO-CRIME

O inspector Foster tinha provas evidentes de que a criada mentia nas suas declarações quanto à hora do roubo e da morte do mordomo. De acordo com o seu depoimento, os ladrões haviam deixado a casa pouco depois das sete horas. O inspector chegara pouco depois das onze (reparar no relógio da figura 2). Encontrara (fig. 4) uma pequena lanterna muito pequena, cuja pilha normalmente não tem energia para mais de duas horas.

Portanto, a lanterna fôra acesa depois das nove e um quarto e não às sete como ela dissera.

No entanto, o inspector nada disse à criada e deixou-a sob vigilância. Dois dias depois foi surpreendida a caminho da casa de Larry Martin conhecido já como comprador de joias roubadas. Prêns, nessa altura, confessou o crime.

Empreza Insulana de Navegação

Os vapores da Empreza Insulana de Navegação que partem em 23 de cada mês, tocam nos seguintes portos: Madeira, Santa Maria, S. Miguel, Terceira, (Praia), Graciosa, S. Jorge (Velas) Pico (Cais), Faial, Corvo e Flores, (Lages e Santa Cruz)

A B. B. C. FALA E O MUNDO ACREDITA

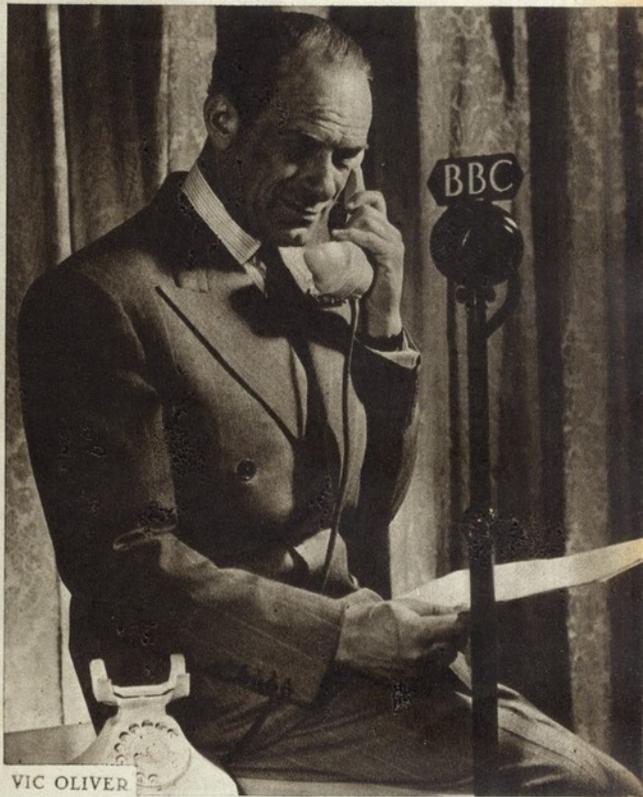
Estrélas do teatro e do cinema ao microfone da B. B. C.



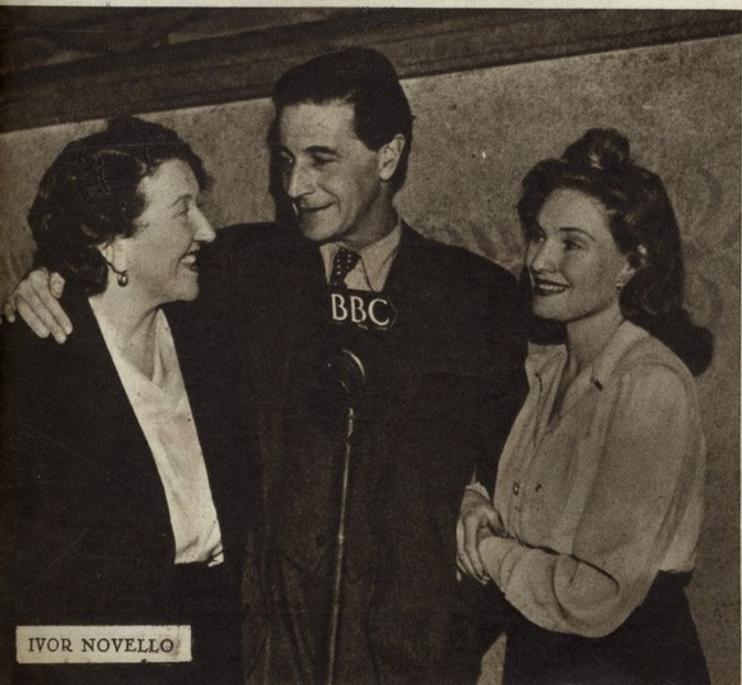
LESLIE BANKS e RICHARD TAUBER



ROBERT DONAT o primeiro da direita



VIC OLIVER



IVOR NOVELLO



IVONNE ARNAUD



**MUNDO
GRÁFICO**

**VÊM AÍ OS RAPAZES DA R. A. F.
JOGAR O FOOT-BALL**